

1938 - 2008: SETENTA ANOS DA FUNDAÇÃO DA IV INTERNACIONAL. EM DEFESA DE LEON TROTSKY

Oswaldo Coggiola*

Resumo

Numa época sombria, com a criação da IV Internacional em 1938, Trotsky repõe a vigência da revolução mundial. A falência da II Internacional e a função contra-revolucionária da III Internacional Comunista ao inibir a ofensiva dos trabalhadores, numa situação objetiva madura para a irrupção revolucionária, mas de incapacidade de suas direções, Trotsky denuncia a crise sem precedentes da vanguarda revolucionária. Traição da Social Democracia, burocratização do primeiro Estado Operário, retrocesso da revolução, daí a necessidade do novo reagrupamento mundial do proletariado. Este artigo se propõe a examinar a teoria de Leon Trotsky acerca da revolução permanente e do internacionalismo operário, da crítica ao nacionalismo e o fenômeno da burocratização, que ameaçam as conquistas da revolução de outubro, assim como o significado social da oligarquia termidoriana e do bonapartismo stalinista. Trotsky foi a primeira liderança mundial a alertar os riscos do ascenso nazista, a possibilidade de nova guerra mundial e o extermínio físico dos judeus. O histórico bolchevique propõe e a necessidade de novos partidos e orgânica internacional contra a sociabilidade do capital e uma segunda revolução contra o absolutismo burocrático.

Palavras-chave

Trotsky; contra-revolução; IV Internacional; bonapartismo stalinista; partido.

Abstract

In a somber epoch, with the creation of the IV International in 1938, Trotsky resettles that the worldwide revolution is in force. The II International failure and the counter-revolutionary function of the III Communist International, inhibiting the laborers' offensive in an objective and mature situation for the revolutionary irruption, but disabled in terms of directions, make Trotsky denounce the unprecedented crisis of the revolutionary forefront. Treason of the Social Democracy, bureaucratization of the first Laborer State, retrogression of the revolution, from there the need of a new worldwide rearrangement of the proletariat. This article aims to examine Leon Trotsky's theory about the permanent revolution and the labor internationalism, the critique to nationalism, and the bureaucratization phenomenon, which threaten the conquests of the October revolution, as well the social meaning of the thermidorian oligarchy and the Stalinist bonapartism. Trotsky has been the first worldwide leadership to alert to the risks of the Nazi ascension, the possibility of a new world war and the physical extermination of Jews. The Bolshevik historic proposes the need of new parties and an organic international against the sociability of capital and a second revolution against the bureaucratic absolutism.

Keywords

Trotsky; counter-revolution; IV International; Stalinism bonapartism; party.

A IV Internacional foi fundada em setembro de 1938 em um subúrbio de Paris, por pouco mais de vinte delegados reunidos em conferência internacional (entre os quais um representante da América Latina, o brasileiro Mário Pedrosa, codinome *Lebrun*). A característica ideológica central da IV Internacional foi manter em pé a idéia básica do marxismo, a vigência da transição histórica do capitalismo para o socialismo, baseada na luta de classes mundial do proletariado (e não na defesa de uma ou várias supostas “pátrias do socialismo”). A história da IV Internacional, portanto, põe à prova a própria atualidade desses princípios políticos, ontem negados em nome de um suposto “realismo político” e hoje em nome de sua superação por uma não menos suposta “pós-modernidade”. A passagem de antigas correntes marxistas para o campo do nacionalismo (russo, chinês, latino-americanista ou “não-alinhado”) foi uma característica marcante do século XX, que a IV Internacional, no seu programa de fundação, definiu como “crise histórica de direção do proletariado mundial”. Historicamente, porém, não foi um processo novo: ele já fora constatado por Marx e Engels ao comprovarem a crescente solidariedade do proletariado inglês com “sua” burguesia na “questão irlandesa” (que envolvia, potencialmente, toda a questão do imperialismo). Numa escala histórica e geográfica muito mais ampla, foi também o traço marcante da falência da II Internacional, com o apoio dado pelos seus principais partidos aos governos belicistas europeus, por ocasião da deflagração da Primeira Guerra Mundial.

A passagem para o nacionalismo e para a contra-revolução das correntes oriundas ou vinculadas à ex-III Internacional (ou Internacional Comunista) teve em comum com as anteriores o suposto princípio de preservar as conquistas sociais já obtidas como garantia única e absoluta do futuro progresso da humanidade trabalhadora, isto é, de pô-las num patamar de superioridade com relação às exigências da luta de classes mundial. Se, no caso da II Internacional, isso foi feito em nome da preservação das conquistas sindicais e parlamentares (legislação social), no caso da III a questão foi diretamente a preservação do Estado (a URSS) considerado como baluarte último e definitivo da luta contra o imperialismo capitalista. A dissolução da III Internacional, em 1943, teve esse motivo explícito, mas foi explicada por Stálin a um periodista do *New York Times* como uma garantia dada pela URSS aos “aliados” do campo antinazista da II Guerra Mundial (basicamente os EUA e a Grã-Bretanha). A IV Internacional, nisso seguindo a crítica feita pelo bolchevismo à falência social-democrata de 1914, viu nisso não só um “desvio” dos princípios marxistas internacionalistas, mas o índice da burocratização de organizações (socialistas ou comunistas, assim como as organizações sindicais) que, outrora, tinham jogado um papel historicamente progressivo ou revolucionário. Trotsky, mais do que o próprio Lênin, desenvolveu uma ampla teoria crítica acerca da burocratização das orga-

nizações operárias (sindicais ou políticas) como um aspecto decisivo da luta de classes no século XX. Trotsky ampliou e aprofundou um dos elementos da análise leninista da “aristocracia operária”: a burocracia tem, pela sua própria natureza, um caráter instável e historicamente transitório, como intermediária entre as classes fundamentais da sociedade. Sua constituição como camada social indica a tendência da mesma para se integrar na sociedade burguesa, em primeiro lugar no plano político, qualquer que seja o invólucro ideológico dessa integração, incluído o “comunista”.

A história da IV Internacional confunde-se com o desenvolvimento amplo, teórico e prático desse aspecto essencial da crítica marxista. Mas também, de modo explícito, com o desenvolvimento da premissa positiva contida nessa crítica: a da vigência da revolução socialista em escala mundial e, portanto, também da forma político-organizativa correspondente, a Internacional Operária. Do ponto de vista da história política e ideológica de nosso século, tem a ver, portanto, com a vigência da teoria marxista para compreender e transformar radicalmente a contemporaneidade, ou seja, para derrubar o capitalismo. Resta, porém, explicar por que essa história mereceu tão pouca atenção. Do ponto de vista acadêmico, essa desatenção vincula-se à própria inércia conservadora da Academia, sempre inclinada a trabalhar mais com as realidades consolidadas do que com as potenciais, isto é, geralmente avessa a abrir novos caminhos (embora a ideologia da universidade expresse exatamente o contrário). Não que a academia se recusasse a estudar “a esquerda” em geral: enquanto a URSS existiu, os estudos “sobre o comunismo” não só eram bem-vindos como costumavam construir reputações “históricas”, “sociológicas”, “políticas” e até “filosóficas”. Com o fim da URSS, o tema foi praticamente abandonado.

Não foi um paradoxo que os principais estudos acadêmicos sobre o trotskismo e a IV Internacional fossem elaborados por um historiador declaradamente conservador, Robert J. Alexander, no marco de uma das instituições consideradas mais à direita, a Hoover Institution (vinculada à Universidade de Stanford, EUA), beneficiada, por outro lado, de acervos particularmente ricos para o estudo do tema. Nas duas principais obras de Alexander a respeito (*Trotskyism in Latin America* e, sobretudo, na monumental *International Trotskyism*), a exposição, às vezes impressionante, de dados, quase não vai acompanhada de qualquer elaboração ou tratamento históricos, e ambos livros dão mais a impressão de serem longos *reports* realizados para os serviços diplomáticos ou de inteligência dos EUA. Constituem, na melhor hipótese, o que Georges Haupt chamava um “sábio dicionário” que, às vezes, incorre em erros factuais. As suas parcas conclusões são, no mais, uma exposição dos preconceitos políticos do autor.

A figura de Trotsky, fundador da IV Internacional, mereceu mais atenção, por ter sido um dos principais dirigentes da Revolução de Outubro de 1917, que esteve na ori-

gem da União Soviética. Mas o próprio Trotsky considerava a IV Internacional como a obra mais importante da sua vida, incluídas a Revolução Russa e a criação do Exército Vermelho. Nas várias biografias consagradas a Trotsky, no entanto, a IV Internacional (à qual Trotsky consagrou a última das seis décadas de sua existência) aparece só de modo incidental ou marginal, como no caso da ideológica obra de Dimitri Volkogonov (*Trotsky: the Eternal Revolutionary*). Na mais famosa biografia de Trotsky, a trilogia de Isaac Deutscher – reconhecidamente, um dos maiores trabalhos historiográficos do século XX – a IV Internacional aparece de modo bastante marginal e, por momentos, francamente desprezada (o próprio Deutscher, como militante trotskista polonês na década de 1930, presente na conferência de fundação de Paris, tinha se oposto ao propósito de Trotsky de fundar a IV Internacional).

A extensa biografia de Pierre Broué, *Trotsky*, já traduzida para diversas línguas, deu à questão um tratamento mais sério e menos preconceituoso. Broué, por outro lado, junto com diversos colaboradores (acadêmicos ou não) desenvolveu importantes estudos sobre o “movimento trotskista” nos *Cahiers Léon Trotsky*, publicados ao longo de vinte anos. O problema consiste em que, nos *Cahiers*, a história da IV Internacional parece deter-se com a II Guerra Mundial, o que era admissível na biografia de Trotsky, mas não num empreendimento de longo fôlego consagrado à sua obra. Deutscher e Broué, acadêmicos de destaque, deveram, por outro lado, a sua sensibilidade em relação ao tema ao fato de terem sido militantes trotskistas antes de serem professores e pesquisadores universitários.

Também militantes, encabeçados por Al Richardson, estiveram na origem do mais completo empreendimento para o estudo da história da IV Internacional, a revista *Revolutionary History*, publicada em Londres fora de qualquer quadro institucional universitário. A revista não só publicou investigações parciais de grande valor, como pôs à disposição de um amplo público importantes fontes documentais publicadas sob forma de dossiê, sem nunca ter chegado a publicar um trabalho de conjunto que formulasse uma teoria a respeito da história da IV Internacional.

Essa última tarefa coube a diversos militantes, acadêmicos ou não. Merece destaque *Trotsky como Alternativa*, do dirigente político e economista belga Ernest Mandel (que já havia escrito um *Trotsky: um estudo da dinâmica do seu pensamento*), por cuja publicação no Brasil fomos responsáveis, com tradução de Arlene Clemesha. No livro, Mandel realiza um balanço do pensamento trotskista à luz do desenvolvimento histórico posterior, pouco se referindo à IV Internacional propriamente dita. Esse foi o tema de Pierre Frank (*La Quatrième Internationale*) e de Jean-Jacques Marie (*Le Trotskisme e Trotsky, le Trotskisme et la IVè Internationale*) trabalhos de síntese relativamente pequenos, cujo principal defeito não é o de defender as opiniões políticas dos seus autores

dentro do “movimento trotskista”, mas o de fazê-lo ao ponto de deformar, por deturpação ou omissão, a própria história da IV Internacional. Os dois trabalhos têm, por outro lado, uma orientação marcadamente eurocêntrica. Kenth-Ake-Andersson (*Historia de la Cuarta Internacional*) e François Moreau (*La Quatrième Internationale: Combats et Débats*) produziram trabalhos de síntese que não pretendem ser uma história, apesar do título do primeiro, que não passa de uma brochura. O segundo, como o próprio título o insinua, está mais centrado nos debates internos da IV Internacional e de suas inúmeras cisões, não deixando de constituir uma valiosa contribuição.

Apesar de a IV Internacional propriamente dita ter sido fundada em setembro de 1938, ela não pode ser vista à margem da corrente denominada “trotskismo”. E esta, por sua vez, remonta suas origens a, pelo menos, três décadas antes, a partir do papel dirigente que coube a Leon Trotsky na revolução de 1905 na Rússia, em especial no soviete de Petrogrado e, sobretudo, ao balanço feito por Trotsky no ano seguinte (publicado com o título de *Balanço e Perspectivas*), com sua célebre formulação da teoria da “revolução permanente”, que lhe daria um lugar singular no socialismo russo e em toda a história intelectual e política do século XX. Está claro que a primeira confusão a ser despejada é a de décadas de desfiguração stalinista da idéia de “revolução em permanência”, apresentada como uma espécie de ultimatum revolucionário irrealista, quando em verdade retomava uma velha formulação de Marx (em *As Lutas de Classes na França 1848-1850* e, sobretudo, na *Circular à Liga Comunista* de 1850) referida à transformação da revolução democrática em socialista pela mediação dirigente do proletariado organizado (nas palavras de Marx, nesse texto: “o grito de guerra [do proletariado] será: *revolução permanente!*”).

Durante longas décadas, a vigência da “escola stalinista de falsificação”, e o sistema de calúnias montado em cima dela, criou um enorme preconceito em torno do trotskismo, marginalizando-o também nos estudos da história do movimento operário e da esquerda. Hoje, em que pese o fato de aquela “escola” ter formalmente abandonado o cenário, o preconceito (que certa vez fez Gilles Martinet afirmar que “o anti-trotskismo é o anti-semitismo do movimento operário”) ficou largamente em pé. O terreno, porém, está aberto para os historiadores, embora se trate de um terreno arrasado por décadas de calúnias e insultos, um campo minado onde *a priori* substituiu quase sempre a consideração objetiva das idéias e dos fatos.

Bem antes que economistas e cientistas sociais se debruçassem sobre as causas estruturais da “crise” e, ulteriormente, do “fracasso” da URSS, Trotsky estabeleceu a causa básica da tensão interna de uma “sociedade socialista” isolada (e burocratizada). Sua análise acerca das origens e dinâmica da burocracia transformou-se em referência teórica

obrigatória para todos os debates acerca da natureza da URSS e, extrapolando seu campo inicial, para todas as análises acerca da burocratização das organizações sindicais, políticas e estatais. Trotsky levou em conta a *totalidade* da situação da URSS e da sua camada dirigente (interna e internacional, histórica e conjuntural) e, nesse contexto, analisou o seu caráter *contraditório* e *transitório* (ou seja, as suas leis de movimento) para determinar a alternativa histórica diante da qual estava posta:

Duas tendências opostas crescem no seio do regime: desenvolvendo as forças produtivas – ao contrário do capitalismo estagnante – são criados os fundamentos econômicos do socialismo; e levando ao extremo, por complacência em relação aos dirigentes, as normas burguesas de repartição, prepara a restauração capitalista. A contradição entre as formas de propriedade e as normas de repartição não pode crescer indefinidamente. Ou as normas burguesas se estenderão, de uma ou de outra maneira, aos meios de produção, ou as normas socialistas terão de ser concedidas à propriedade social.¹

As chances da revolução antiburocrática, por sua vez, não repousavam em qualquer idealização das massas soviéticas, mas das próprias tensões decorrentes da instabilidade do domínio burocrático numa sociedade na qual o capital fora expropriado:

Na própria sociedade dita ‘sem classes’ existem, sem dúvida, os mesmos grupos que na burocracia, mas com uma expressão menos clara e em proporção inversa: as tendências capitalistas conscientes, próprias sobretudo da parte favorecida dos *kolkhozianos*, são a característica de uma ínfima minoria da população. Mas encontram uma larga base na tendência pequeno-burguesa à acumulação pessoal que nasce da miséria geral e que a burocracia encoraja conscientemente. Coroando este sistema de antagonismos correntes, que destroem cada vez mais o seu equilíbrio social, procura manter-se, por métodos de terror, uma oligarquia termidoriana que, agora, se reduz sobretudo à camarilha bonapartista de Stalin.

A formulação mais sintética da sua teoria encontra-se no documento que, em 1938, Trotsky redigiu como programa para a IV Internacional:

A União Soviética saiu da Revolução de Outubro como um Estado Operário. A estatização dos meios de produção, condição necessária do desenvolvimento socialista, abriu a possibilidade de um crescimento rápido das forças produtivas. O aparelho do Estado Operário sofreu, entretanto, uma degenerescência completa, transformando-se de instrumento da classe operária em instrumento de violência burocrática contra a classe operária e, cada vez mais, em instrumento de sabotagem da economia. A burocratização de um Estado Operário atrasado e isolado e a transformação da burocracia em casta privilegiada, todo poderosa, são a refutação mais convincente – e não somente teórica, mas prática – da teoria do socialismo em um só país.

A análise de Trotsky foi das mais controvertidas e, aparentemente, das mais difíceis de serem compreendidas (e assimiladas, no caso dos seus próprios partidários). A caracterização da URSS como Estado Operário degenerado (ou contra-revolucionário) era con-

traditória, exatamente por embutir a própria contradição da realidade, expressão, por sua vez, da particular refração da dialética da luta de classes mundial: um Estado em cuja base econômica se encontravam as conquistas históricas da revolução proletária de outubro de 1917 (nacionalização da indústria e do solo, monopólio do comércio exterior, planejamento econômico centralizado), mas politicamente dirigido por uma burocracia, órgão por sua vez, da burguesia mundial no interior do Estado Operário. A perspectiva traçada por Trotsky levou plenamente em consideração a contradição apontada: “O prognóstico político tem um caráter de alternativa: ou a burocracia, tornando-se cada vez mais o órgão da burguesia mundial nos Estados Operários, destrói as novas formas de propriedade e lança o país no capitalismo, ou a classe operária esmaga a burocracia e abre uma via para o socialismo”. Trotsky se ateu à sua caracterização ao longo dos diversos ziguezagues da burocracia, inclusive aqueles “de esquerda”, que levaram muitos contemporâneos seus ou historiadores posteriores (como Isaac Deutscher) a falarem num “segundo Outubro” ou numa “virada à esquerda” (quando Stalin atacou a direita do PCUS). Trotsky (diferentemente de vários aliados seus, como Rakovsky), nunca se iludiu a respeito:

Os últimos processos foram um golpe para a esquerda. Também isto é verdadeiro em relação à repressão contra os chefes da oposição de direita, pois, do ponto de vista dos interesses e tendências da burocracia, o grupo de direita do velho partido bolchevique representava um perigo de esquerda. O fato de a camarilha bonapartista, que teme também os seus aliados de direita, ficar constrangida a recorrer, para assegurar o seu domínio, ao extermínio quase geral da velha geração de bolcheviques, é a prova indiscutível da vitalidade das tradições revolucionárias nas massas e do seu descontentamento crescente.

Para Trotsky, a burocracia nunca foi produto de maquinações fora da história, mas do processo concreto da revolução proletária em determinadas condições históricas. Sua conclusão central a respeito da burocratização foi a seguinte:

Um Estado saído da revolução operária existe pela primeira vez na história. As etapas que deve percorrer não estão escritas em qualquer lado. Os teóricos e os construtores da URSS esperavam, é verdade, que o sistema sutil e claro dos soviets permitisse ao Estado se transformar pacificamente, dissolver-se e desaparecer, à medida em que a sociedade realizasse a sua evolução econômica e cultural. A realidade mostrou-se mais complexa do que a teoria. O proletariado de um país atrasado teve de fazer a primeira revolução socialista. Este privilégio histórico terá de ser pago com uma segunda revolução, esta contra o absolutismo burocrático.²

Toda a teoria política atual, na verdade, é tributária das análises de Trotsky sobre o stalinismo. Segundo Irving Howe,

[...] iniciada em 1923 e mantida até o fim da vida de Trotsky, em 1940, essa crítica englobou todas as áreas da vida social: dos sangrentos horrores da coletivização obri-

gatória stalinista à corrupção bizantina do “culto da personalidade”, das sacrossantas medidas envolvendo assuntos tais como o aborto às atitudes brutais em relação à vida cultural, do chauvinismo grã-russo à esquiva indulgência para com o anti-semitismo. Haverá outro exemplo na história de uma mente poderosa ter-se voltado com tal persistência e paixão à denúncia dos falsos reclamos de um regime que ainda comandava a lealdade de milhões de pessoas em todo o mundo? É certo que Trotsky cometeu erros durante esse longo e heróico combate, mas foi nos fundamentos desses erros pioneiros que as análises posteriores se basearam. Embora os estudiosos contemporâneos do totalitarismo possam divergir de Trotsky em pontos essenciais, quase todos eles lhe são largamente devedores.³

Até hoje, a coerência e a abrangência da análise trotskista sobre a URSS surpreendem: isto se deve ao fato de ela ter sido não uma construção intelectual de um observador, mas a expressão *teórica* de uma luta *política* levada adiante por Trotsky sempre num quadro organizado, ou seja, como projeção de uma luta *social* (de *classe*). Isso permitiu a Trotsky antecipar *politicamente* os problemas que depois desenvolveria *teoricamente*:

A linha expressa por Trotsky em 1923-1924 já trazia à luz os problemas de fundo que ele abordou posteriormente, depois de sua completa derrota política no interior do grupo dirigente soviético, de seu afastamento do poder e do exílio: a burocratização do partido e do Estado, bem como o nexa entre os desenvolvimentos internos da URSS já estava então dominado pela idéia de que a consolidação do isolamento da URSS terminaria por levar o sistema político para uma crescente degenerescência.⁴

Esse esquema teórico aparece muito claramente formulado em 1928, quando ele afirmou que a raiz da derrota da oposição diante de Stalin devia ser buscada no “aumento da pressão econômica e política exercida pelos ambientes burocráticos e pequeno-burgueses no interior do país, contra o pano de fundo das derrotas da revolução proletária na Europa e na Ásia”.⁵

A relação *prática* de Trotsky com a *teoria*, chave para se entender “o marxismo de Trotsky”, informa a vigência das suas análises sobre o stalinismo (o fenômeno da burocratização dos Estados operários), por muitos consideradas como sua principal contribuição ao marxismo. Foram as próprias condições em que se desenvolveu a revolução soviética que obrigaram a superar a primeira formulação de Lênin, logo depois da tomada do poder:

A luta contra a deformação burocrática da organização soviética fica garantida pela solidez dos vínculos existentes entre os soviets e o povo, pela flexibilidade e pela elasticidade desses vínculos. Os pobres nunca consideram os parlamentos burgueses como instituições suas, inclusive na república capitalista mais democrática do mundo. Os soviets, pelo contrário, são instituições deles, não alheias às massas de operários e camponeses.⁶

Já em 1921, no decorrer da polêmica sobre os sindicatos, Lênin referia-se ao Estado soviético como “um Estado operário com a particularidade de que no país não predomina a população operária, mas a camponesa e, em segundo lugar, um Estado operário com uma deformação burocrática”.⁷ A passagem da *deformação* para a *degeneração* burocrática foi um processo *político* (stalinismo) e *social* (burocratização), cuja expressão mais geral foi formulada pelo dirigente soviético Christian Rakovsky, já no exílio siberiano: “A situação de uma classe que luta pelo poder e a de uma classe que detém o poder é diferente (...) quando uma classe toma o poder, uma parte dela transforma-se em agente desse poder. Num Estado socialista, onde a acumulação capitalista está proibida, esta diferença começa sendo *funcional*, e depois se transforma em *social*”.⁸

Trotsky corrigiu, precisou e aprofundou essa premissa, situando-a nas condições históricas e políticas que presidiram o nascimento do stalinismo. Ao elaborar a especificidade do stalinismo (como fenômeno da revolução *rusa*) tirou-lhe todo caráter universal, e determinou as condições *objetivas* da sua superação: nessa metodologia fundou-se a continuidade da análise (e do movimento) trotskista. Na sua análise da historicidade do stalinismo, Rakovsky não ultrapassou a analogia histórica com a revolução francesa (o stalinismo seria o “Termidor” soviético): essa insuficiência teórica está na base da capitulação posterior do grande revolucionário romeno perante Stalin, inexplicável (assim como a de outros revolucionários) em termos de covardia física ou política (toda a sua vida provava o contrário)? Existem, como veremos a seguir, respostas afirmativas a essa questão. O recurso continuado à Revolução Francesa mostrou-se uma barreira à compreensão política: levava a obscurecer o caráter único da experiência revolucionária russa, tendia a subestimar as diferenças fundamentais entre 1917 e 1789. Deixava de lado que uma revolução burguesa pode prosseguir, durante certo tempo, mesmo sem o comando político direto da burguesia, enquanto que uma revolução proletária, empreendida por uma classe sempre despossuída, somente pode atingir seus objetivos se esta classe mantiver o controle do Estado:

O Termidor cortou as asas da ala radical da burguesia francesa mas não ameaçou a propriedade burguesa; o stalinismo eliminou a ala radical do proletariado russo (segundo Trotsky) e o deixou indefeso ante os assaltos do Estado. Ou, em linguagem ‘comum’: a economia burguesa pode sobreviver sob uma democracia, um ditador à moda antiga, um regime fascista, mas o socialismo somente pode ser construído, se tal é possível, como um processo livre e humano, como o desenvolvimento popular da democracia. Este ponto era obscurecido pela analogia ‘termidoriana’ e, na verdade, a incapacidade de apreendê-lo foi responsável pela capitulação de muitos trotskistas, a partir do momento em que Stalin empreendeu a sua industrialização e forçou a coletivização no final da década de 1920.⁹

Trotsky não rejeitou a analogia com o Termidor, conquanto se precisasse a natureza específica daquele no quadro da Rússia soviética:¹⁰

O significado social do Termidor soviético começa agora a se formar diante de nós. A pobreza e o atraso cultural das massas encarnou-se novamente na figura maligna do governador que possui um grande cacete em suas mãos. A rejeitada e difamada burocracia, no início serva da sociedade, tornou-se seu senhor. Neste caminho, ela corrompeu-se de tal forma e em tal nível de alienação moral diante das massas populares, que não pode permitir agora qualquer controle nem sobre suas atividades, nem sobre seus rendimentos.

Da mesma maneira, os métodos políticos do stalinismo podiam ser objeto de analogia com o bonapartismo que consagrava o declínio da Revolução Francesa:

A divinização cada vez mais desavergonhada de Stalin é necessária ao regime. A burocracia precisa de um árbitro supremo inviolável, primeiro-cônsul, na falta do imperador. Stalin personifica a burocracia e é isso que forma a sua personalidade política. O bonapartismo foi um dos instrumentos do regime capitalista em seus períodos críticos. O stalinismo é uma de suas variantes, mas com base no Estado operário dilacerado pelo antagonismo entre a burocracia soviética organizada e armada e as massas trabalhadoras desarmadas.

Depois da formação da Oposição de Esquerda (1923), Trotsky combate a política stalinista, tanto no plano nacional como no internacional:

Defendi a democracia dos soviets contra o absolutismo burocrático, a elevação do nível de vida das massas contra os privilégios excessivos da cúpula, a industrialização e a coletivização sistemáticas em benefício dos trabalhadores, e, finalmente, uma política internacional no espírito do internacionalismo revolucionário contra o conservadorismo nacionalista.¹¹

Trotsky não se iludiu com nenhuma vitória contra a burocracia por outros meios que não os da luta das massas, nem sequer quando reuniu na oposição anti-stalinista dez dos dezoito membros do Comitê Central do partido bolchevique eleito em 1919. Uma questão de princípios lhe impedia usar contra os representantes burocráticos métodos semelhantes aos deles, no que Nicolás Krassó veria uma “incompreensão da autonomia das instituições políticas”,¹² ignorando que Trotsky já havia respondido a essa argumentação: “Sem dúvida teria sido possível fazer um golpe de estado militar contra a fração Zinoviev-Kamenev-Stalin [Trotsky era o chefe histórico e fundador do Exército Vermelho], sem dificuldades e sem derramar uma gota de sangue, mas o seu resultado teria acelerado o ritmo da burocratização e do bonapartismo contra os quais a Oposição de Esquerda deflagrara a sua luta”.¹³ Trotsky estava consciente da “autonomia das instituições” a ponto de saber que elas podiam se voltar contra ele... Não só o desalento e a fadiga das massas soviéticas conspiraram contra a Oposição e favoreceram a burocracia, mas também os

recuos da revolução internacional (a derrota alemã em 1923 e a chinesa em 1927 foram pontos marcantes), processos dos quais só Trotsky, dentre os dirigentes bolcheviques, pôde compreender a interpenetração dialética. Se, por um lado, a máquina burocrática deveu o próprio triunfo à desmobilização das massas, por outro, ela mesma foi fator de desmobilização, encontrando aí a sua justificativa.

Trotsky percebeu o “novo” que a nova situação interna e internacional criava: a degeneração do Estado surgido de Outubro de 1917, a quebra do partido bolchevique e a da Internacional Comunista – sem vacilar em expô-lo polemicamente:

O stalinismo não é uma ditadura abstrata, mas uma grandiosa reação burocrática contra a ditadura proletária num país atrasado e isolado. A Revolução de Outubro anulou os privilégios, declarou guerra às discriminações sociais, substituiu a burocracia pelo autogoverno dos trabalhadores, aboliu a diplomacia secreta; esforçou-se para dar a mais completa transparência a todas as relações sociais. O stalinismo restaurou as formas mais ofensivas de privilégio, conferiu à desigualdade um caráter provocativo, sufocou com absolutismo policial a atividade espontânea das massas, fez da administração um monopólio da oligarquia do Kremlin, ressuscitou o fetichismo do poder sob as formas que a própria monarquia absoluta não tivera sequer coragem de sonhar. O partido de Lênin deixou de existir desde longa data; as dificuldades internas e o imperialismo mundial o quebraram. A burocracia stalinista, que o sucedeu, representa um aparelho de transmissão do imperialismo. Na política mundial, a burocracia substituiu a luta de classe pela colaboração de classe, o internacionalismo pelo social-patriotismo. Para adaptar o partido dirigente às necessidades da reação, a burocracia ‘renovou’ a composição do PC soviético com o extermínio dos revolucionários e o recrutamento de arrivistas.¹⁴

Que semelhante caracterização não tenha impedido Trotsky de assumir a “defesa incondicional da URSS” contra qualquer ataque imperialista o demonstra que a sua caracterização não estava presa a nenhum elemento considerado isoladamente.

Para Trotsky:

A União Soviética é uma sociedade contraditória a meio caminho entre capitalismo e socialismo, na qual: a) as forças produtivas estão ainda longe de dar um caráter socialista à propriedade de Estado; b) a tendência à acumulação primitiva criada pela carência manifesta-se em inumeráveis poros da economia planificada; c) normas de repartição que preservam o caráter burguês estabelecem as bases da nova diferenciação da sociedade; d) o crescimento econômico, enquanto melhora vagarosamente a situação dos trabalhadores, promove uma formação rápida dos estratos privilegiados; e) explorando os antagonismos sociais, a burocracia converteu-se numa casta incontável alheia ao socialismo; f) traída pelo partido dominante, a revolução social ainda existe nas relações de propriedade e na consciência das massas trabalhadoras; g) um desenvolvimento das contradições acumuladas pode tanto levar ao socialismo quanto voltar ao capitalismo; h) no caminho do capitalismo, a contra-revolução teria que quebrar a resistência dos trabalhadores; i) no caminho do socialismo, os trabalhadores teriam que derrotar a bu-

rocracia. Em última análise, a questão será decidida pelo confronto das forças sociais, nas duas arenas, a nacional e a mundial.¹⁵

Se descontarmos os caluniadores stalinistas profissionais, a maioria dos críticos de Trotsky veio do próprio movimento trotskista, reprovando-o por não ter sido suficientemente hábil para conservar o poder na URSS, ou seja, por não ter sabido vencer a burocracia no próprio terreno desta. Como chegou a perder o poder?:

Por trás desta pergunta, há geralmente a idéia ingênua de alguma coisa que escapa entre os dedos, como se perder o poder fosse o mesmo que perder um relógio ou uma caderneta. Quando os revolucionários que lideraram a conquista do poder começam a perdê-lo (seja por via pacífica ou catastrófica), isso significa que determinadas idéias estão perdendo a sua influência, nos círculos dirigentes da revolução, ou a tensão revolucionária das massas está enfraquecendo ou até mesmo ambas as coisas.¹⁶

A partir dessa crítica, questionou-se toda a análise de Trotsky sobre a URSS como “Estado operário burocratizado”, opondo-lhe as categorias de “capitalismo” ou “coletivismo” burocráticos. Foi o que fizeram os ex-trotskistas James Burnham, Max Schachtman e Bruno Rizzi nos anos 30 e 40, cujas conclusões principais foram repetidas, com mais sofisticação, por Claude Lefort, Cornelius Castoriadis e outros. Segundo este último:

O capitalismo burocrático não respeita apenas os países nos quais o partido stalinista domina. Longe de ser um fenômeno exclusivamente político, o papel preponderante da burocracia é igualmente um fenômeno econômico. Ele exprime as tendências mais profundas da produção capitalista moderna: concentração das forças produtivas e desaparecimento ou limitação consecutiva da propriedade privada com fundamento do poder da classe dominante; aparição no seio das grandes empresas, de enormes aparelhos burocráticos de direção: fusão dos monopólios de Estado; regulamentação estatal da economia. Quanto ao essencial, a divisão das sociedades contemporâneas – ocidentais ou orientais – em classes, já não corresponde à divisão entre proprietários e não proprietários, mas a outra muito mais profunda e difícil de eliminar – entre dirigentes e executantes no processo de produção.¹⁷

Em nome de uma tendência histórica geral, a afirmação de Castoriadis faz *tabula rasa* do processo histórico concreto e, sobretudo, da sua *contraditoriedade*: a natureza do direito de propriedade (que é a expressão concentrada das relações de produção imperantes) é inclusive relegada a um segundo plano, como um detalhe sem maior importância. Esse procedimento teórico significava (e significou, em todos os casos mencionados) a ruptura com o marxismo, cuja formulação mais genérica se sintetiza em que a base do desenvolvimento contraditório do processo histórico reside na correspondência/conflito entre o desenvolvimento das forças produtivas sociais e as relações de produção (ou de *propriedade*) existentes: a divisão do trabalho é um fator subordinado. *A luta de classes* é a expressão social dessa conflitividade histórica: a burocratização das corporações capita-

listas, dos Estados e dos sindicatos, operam nesse quadro histórico, sem sobredeterminá-lo. Supor o contrário implica emancipar o processo histórico dos conflitos de classe e até da vontade humana consciente. Isaac Deutscher deixou-se seduzir por essa equiparação, ao afirmar a existência “de uma clara tendência à burocratização das sociedades contemporâneas, independentemente de suas estruturas sociais e políticas”,¹⁸ concluindo então na impossibilidade de se sustentar o “postulado” marxista do “Estado-Comuna”. Nos casos acima mencionados, a impossibilidade de uma “neutralidade teórica” entre Estados capitalistas e Estados operários (já apontada por Trotsky no livro *Em defesa do marxismo*, de 1940) provou-se politicamente: Schachtman acabou como defensor do Estado capitalista e da guerra dos EUA contra o Vietnã, Burnham como ideólogo do Departamento de Estado e da “guerra fria” (autor da teoria do *containment*). A proclamação da “autonomia das instituições (políticas ou de outro tipo)”, feita de modo unilateral e absoluto, concluiu na emancipação total da política dos conflitos de classe.

Outra linha de questionamento situa no próprio bolchevismo a origem do fenômeno burocrático, como um traço específico e singular do marxismo russo, na sua variante bolchevique: a tomada do poder teria sido um equívoco histórico (posição defendida por Fernando Claudín em *A Crise do Movimento Comunista Internacional*), pois não levou em conta que, na Rússia czarista, as forças produtivas capitalistas não tinham se desenvolvido ao máximo, no quadro da velha sociedade (o proletariado só poderia tomar o poder nos países capitalistas desenvolvidos). Bem antes de Claudín, Karl Korsch explicitou esse ponto de vista em todas as suas conseqüências:

O marxismo russo, em todas as suas fases de desenvolvimento e em todas as suas correntes, desde o início e subseqüentemente, não foi nada mais do que a forma ideológica para a luta material em favor do êxito do desenvolvimento capitalista na Rússia czarista feudal. A sociedade burguesa, já plenamente desenvolvida no Ocidente, necessitava – para sua afirmação histórica no Leste – de uma nova veste ideológica.¹⁹

Seria muito difícil discernir qualquer realidade se a história pudesse admitir uma revolução capitalista feita contra a burguesia, e em nome do comunismo. O pressuposto de Korsch implicava a negação do próprio fundamento de marxismo: o caráter mundial das forças produtivas capitalistas e o caráter *objetivamente* internacional da luta proletária contra a burguesia capitalista, com independência do grau de desenvolvimento capitalista de cada país. Afirmar que a especificidade do socialismo russo era a de ser capitalista era negar esse fundamento (no final da vida, nas *Dez teses sobre o marxismo hoje*, Korsch abandonou explicitamente o marxismo) e forçar a história em função de uma conclusão pré-concebida: a burocratização do Estado revolucionário na Rússia estava inscrita na lógica da história. Todas essas colocações partem da constatação elementar de que, na

maioria dos países, as transformações necessárias para a maioria social correspondem mais aos objetivos da revolução democrática (reforma agrária, independência nacional, desenvolvimento econômico) do que aos da revolução socialista. Trotsky, ciente disso, não deixava de assinalar que, qualquer que fosse o grau desse atraso, esses países fazem parte da economia capitalista mundial, possuindo, portanto, os elementos para se integrem na luta socialista mundial:

Os países coloniais e semi-coloniais são, por sua própria natureza, países atrasados. Mas esses países atrasados vivem nas condições da dominação mundial do capitalismo. É por isso que o seu desenvolvimento tem um caráter combinado: reúne em si as formas econômicas mais primitivas e a última palavra da técnica e da civilização capitalista. É isso que determina a política do proletariado dos países atrasados: ele é constringido a combinar a luta pelas tarefas mais elementares da independência nacional e da democracia burguesa com a luta socialista contra o imperialismo mundial. Nesta luta, as reivindicações da democracia, as reivindicações transitórias e as tarefas da revolução socialista não estão separadas em épocas distintas, mas procedem imediatamente umas das outras.

Para a maior parte da intelectualidade de esquerda do pós-guerra, a situação da maioria dos países atrasados tornava-os aptos apenas para um jacobinismo totalitário, do qual o stalinismo seria apenas uma variante bem-sucedida. Para Trotsky, o ponto de partida não era a análise de cada país separadamente, mas a economia (e a revolução) mundial, concebida como um processo histórico objetivo:

A economia mundial e, em particular, a economia européia estão perfeitamente maduras para esta revolução. A ditadura do proletariado na Rússia nos levará ou não ao socialismo? Em que ritmos e através de que fases? Tudo isso dependerá do futuro do capitalismo europeu e mundial [...]. Em certas circunstâncias, países atrasados poderão chegar à ditadura do proletariado mais rapidamente do que os países desenvolvidos, mas chegarão mais tarde ao socialismo [...]. Em um país no qual o proletariado chegue ao poder em seguida a uma revolução democrática, o destino futuro da ditadura e do socialismo dependerá menos – no fim das contas – das forças produtivas nacionais do que do desenvolvimento da revolução socialista internacional.²⁰

Essa colocação central da *teoria da revolução permanente* não era especificamente “trotskista”: a Internacional Comunista, nos seus primeiros congressos, tinha esboçado a perspectiva de uma luta socialista em países onde a maioria da população se encontrava ainda sob o império de relações de produção pré-capitalistas:

Seria certamente um erro grosseiro querer aplicar imediatamente nos países orientais, na questão agrária, os princípios comunistas. Em seu primeiro estágio, a revolução nas colônias deve ter um programa de reformas pequeno-burguesas, tais como a divisão da terra. Mas isso não quer dizer necessariamente que a direção da revolução deve ser abandonada à democracia burguesa. O partido proletário deve, pelo contrário, desen-

volver uma propaganda pujante e sistemática em favor dos soviets e organizar soviets de camponeses e operários. Estes soviets deverão trabalhar em estreita colaboração com as repúblicas soviéticas e os partidos comunistas dos países capitalistas avançados, para alcançar a vitória final sobre o capitalismo no mundo inteiro. Assim, as massas dos países atrasados, conduzidas pelo proletariado consciente dos países capitalistas desenvolvidos, *chegarão ao comunismo sem passar pelos diferentes estágios do desenvolvimento capitalista.*²¹

Deve-se a Trotsky, no entanto, o mérito de ter procurado o fundamento dessa possibilidade nas leis do desenvolvimento capitalista, na sua dialética histórica, tirando a desigualdade do desenvolvimento e a combinação de etapas históricas do nível da constatação empírica, para incorporá-la à teoria marxista:

Seria certo dizer que toda a história da humanidade se desenvolve sob o signo do desenvolvimento desigual. O capitalismo já encontra os diversos setores da humanidade em graus diversos de evolução, cada um com suas próprias contradições internas profundas. A extrema variedade dos níveis atingidos e a desigualdade extraordinária do ritmo de desenvolvimento das diversas partes da humanidade, no curso das diferentes épocas, constituem o ponto de partida do capitalismo. É apenas gradualmente que este último consegue dominar a desigualdade que herdou, para rompê-la e modificá-la com seus métodos e com seus sistemas. Distinguindo-se aí dos sistemas econômicos precedentes, o capitalismo tem como característica a tendência à contínua expansão econômica, à penetração em regiões novas. Mas aproximando os vários países e equiparando os níveis de seu desenvolvimento, o capitalismo opera com seus métodos, isto é, com métodos anárquicos, que minam continuamente o seu próprio trabalho, opondo um país a outro e um setor da indústria a outro, favorecendo o desenvolvimento de certas partes da economia mundial, freando e fazendo regredir outros. Só a combinação destas duas tendências fundamentais, centrípeta e centrífuga, ambas conseqüências da própria natureza do capitalismo, explica a conexão viva do processo histórico. O imperialismo, graças à universalidade, à mobilidade e à difusão do capital financeiro, esta força motriz do imperialismo que penetra por todas as partes, acentua ulteriormente estas duas tendências. O imperialismo liga bem mais rapidamente e bem mais profundamente em um única entidade, todas as unidades nacionais e continentais particulares, cria entre essas a mais íntima e vital dependência, aproxima os seus métodos econômicos, as suas formas sociais e os níveis de sua evolução. Ao mesmo tempo, persegue este fim com métodos tão contraditórios, fazendo tais saltos à frente, abandonado-se a tais saques nos países e nas regiões atrasadas, que a unificação e o nivelamento da economia mundial que ele realiza são por sua própria obra desarranjados de maneira mais violenta e convulsa que em qualquer período precedente.²²

A partir das premissas já estabelecidas, Trotsky elaborou a lei histórica mais geral do desenvolvimento capitalista nos países atrasados, exposta no prefácio da *História da Revolução Russa* (1932):

A desigualdade de desenvolvimento, que é a lei mais geral do processo histórico, manifesta-se com maior vigor e complexidade no destino dos países atrasados. Sob o chicote das necessidades externas, a sua cultura em atraso é obrigada a avançar por saltos. Dessa lei universal da desigualdade deriva outra lei que, à falta de uma denominação mais adequada, pode ser definida como “lei do desenvolvimento combinado” e que pretende indicar a proximidade de diversas fases, a combinação de diversos estágios, a mistura de formas arcaicas com as formas mais modernas.

Quase todas as críticas a Trotsky basearam-se na generalização indevida de constatações empíricas: um historiador considerava a URSS “um Estado comunista nacional de partido único ou uma burocracia universal ideocrática”, cujo fundamento seria “a aliança existente entre Stalin e o povo, que o venera até hoje”.²³ Por impressionante que fosse o seu domínio, a burocracia stalinista carecia, para Trotsky, de perspectiva histórica própria, o seu prognóstico sobre a revolução russa situou-se no plano mais geral da teoria da história:

A perspectiva da revolução permanente pode ser assim resumida: a vitória completa da revolução democrática na Rússia somente pode ser concebida na forma de ditadura do proletariado, secundado este pelos camponeses. A ditadura do proletariado, que inevitavelmente poria sobre a mesa não só tarefas democráticas, mas também socialistas, daria ao mesmo tempo um vigoroso impulso à revolução socialista mundial. Somente a vitória do proletariado do Ocidente poderia proteger a Rússia da restauração burguesa, dando-lhe a segurança de completar a implantação do socialismo.²⁴

Perry Anderson situou corretamente as causas da superioridade teórica da análise trotskista da burocracia: “Na sua descrição da natureza da burocracia soviética, Trotsky procura sempre situá-la na lógica da sucessão dos modos de produção e das suas transições, com os correspondentes poderes de classe e regimes políticos, lógica que herdou de Marx, Engels e Lênin”. Para Anderson, Trotsky errou “em qualificar o papel exterior da burocracia soviética simplesmente como contra-revolucionário”, pois esse papel seria tão contraditório quanto o “interno”: a burocracia como defensora das conquistas sociais de Outubro em proveito próprio. Como provas da sua afirmação, Anderson apontou o papel da URSS na derrota do fascismo e no fim do colonialismo, assim como a sua ajuda nas vitórias das revoluções cubana e vietnamita. Segundo o marxista inglês, “o stalinismo provou ser não só um aparelho, mas também um *movimento*, capaz de manter o poder num ambiente atrasado, dominado pela escassez (a URSS) e de conquistar o poder em lugares ainda mais atrasados e empobrecidos (China e Vietnã)”, isto porque o stalinismo não seria só “uma degeneração de um Estado pré-existente de relativa pureza de classe; pode ser também uma geração espontânea produzida pelas forças de classe revolucionárias em sociedades muito atrasadas, sem tradição democrática, burguesa ou operária”, o que “não foi entrevistado por Trotsky”.²⁵

Anderson recaiu, portanto, na mesma conclusão dos “companheiros de viagem” do stalinismo, críticos de Trotsky, isso porque depois de saudar a natureza histórica (marxista) da análise deste, incorreu ele próprio no empirismo que criticara, confundindo dois níveis diferentes da análise de Trotsky: a natureza *social* da burocracia (contraditória, ou “dual”, pois simultaneamente apoiada no Estado operário e transmissora da pressão imperialista) e a sua natureza *política* (contra-revolucionária, tanto no exterior quanto no interior, pois anti-operária nos países em que dominava, e freio da revolução no mundo capitalista). É notável também que um historiador critique uma teoria por desenvolvimentos acontecidos depois da sua formulação, e inclusive depois da própria morte de seu autor. O caráter empírico da crítica de Anderson fica provado no fato de não propor uma teoria da burocracia diversa daquela de Trotsky, mas apenas algumas constatações que poriam em questão essa teoria, o que é diferente de desenvolver a teoria à luz dos novos acontecimentos históricos.

Anderson finalizou com uma constatação eclética – “ao apontar a maneira em que o stalinismo continuou atuando, é necessário apontar como também continuou agindo como fator reacionário internacional (...) sua negação absoluta de democracia proletária inibe a classe operária para um ataque contra o capitalismo dentro das estruturas da democracia burguesa, portanto fortalece decisivamente os bastiões do imperialismo no final do século XX” –, mas sem tirar disso nenhuma conclusão geral, justamente por carecer de uma teoria sobre a burocracia, que só pode ser abrangente, como a de Trotsky, se concebida como um aspecto da teoria da revolução mundial. O debate sobre a natureza da expansão stalinista na Europa oriental, no segundo pós-guerra, foi um ponto nodal das discussões e da crise da IV Internacional trotskista.

No final da sua vida, envolvido em polêmicas no interior da IV Internacional, Trotsky tentou afastar qualquer debate terminológico, mostrando o caráter *transitório* da sua definição, e mostrando como ela incluía os conteúdos que lhe reclamavam tanto os partidários da definição “totalitária” da URSS quanto os da definição “capitalista” (inclusive “fascista”):

O rumo dos acontecimentos demonstrou que o atraso da revolução socialista engendrou o indiscutível fenômeno da barbárie: desemprego crônico, pauperização da pequena burguesia, fascismo e finalmente guerras de extermínio que não abrem nenhum caminho novo. Que formas sociais e políticas poderia tomar a nova ‘barbárie’, se admitimos teoricamente que a humanidade não será capaz de se elevar ao socialismo? Temos a possibilidade de nos expressarmos mais concretamente que Marx sobre este tema. O fascismo por um lado, a degeneração do Estado soviético por outro, esboçam as formas sociais e políticas de uma neo-barbárie. Uma alternativa desta espécie – socialismo ou servidão totalitária – não tem somente um interesse puramente teórico, mas também uma enorme importância para a agitação, porque à sua luz aparece mais claramente a necessidade do socialismo.²⁶

E, indo mais longe:

No caso de que o proletariado dos países capitalistas avançados, assim que tenha conquistado o poder, resulte ser incapaz de mantê-lo e o ceda, como na URSS, a uma burocracia privilegiada, nos veríamos obrigados a reconhecer que a causa da reincidência burocrática radica não no atraso do país, nem no cerco capitalista, mas em uma incapacidade congênita do proletariado para transformar-se em classe dominante. Seria então necessário estabelecer retrospectivamente que, em seus traços fundamentais, a URSS atual era a precursora de um novo regime de exploração em escala internacional. Estamos aqui muitos distantes da controvérsia terminológica sobre o título que se deve dar ao Estado soviético. Que não protestem nossos críticos; somente tomando a necessária perspectiva histórica pode-se estabelecer um juízo correto sobre questões de tal magnitude como a substituição de um regime social por outro. A alternativa histórica, levada até o fim, é como segue: ou o regime de Stalin é uma detestável reincidência no processo de transformação da sociedade burguesa em uma sociedade socialista, ou o regime de Stalin é a primeira etapa de uma nova sociedade de exploração. Se o segundo prognóstico for correto, então, supõe-se que a burocracia se transformará em uma classe exploradora. Por mais dura que seja esta segunda perspectiva, se o proletariado mundial se mostrar incapaz de cumprir a missão que lhe colocam os acontecimentos, não teríamos mais que reconhecer que o programa socialista, baseado nas contradições internas da sociedade capitalista, era uma utopia. Seria preciso, naturalmente, um novo programa ‘mínimo’ – para defender os interesses dos novos escravos da sociedade burocrática totalitária.²⁷

Qualquer crítica à teoria trotskista da burocracia deveria levar em conta que Trotsky não vacilou em enfrentar todas as suas implicações, bem como deu resposta a todas as objeções que contra ela foram levantadas na sua época. Depois da derrota na URSS, os anos de 1929 até 1933 foram os da existência da Oposição de Esquerda internacional, o ato de nascimento do “trotskismo” em escala mundial. Gianfranco Pasquino compreendeu que o conjunto das contribuições de Trotsky, surgidas do debate político, constituíram um *corpus* teórico que justifica totalmente o termo “trotskismo” poder ser usado para além do conteúdo politicamente polêmico que ele adquiriu. Assim, deve-se a Trotsky, segundo Pasquino,

[...] a lei do desenvolvimento combinado e desigual, a crítica à degeneração do Estado soviético, e em particular à sua burocratização, a elaboração das características constitutivas da sociedade socialista e o internacionalismo. Sob muitos aspectos, cada uma dessas temáticas pode ser reduzida à teoria da revolução permanente, que dá o verdadeiro quadro interpretativo e global do pensamento de Trotsky, mas cada uma delas, por sua vez, foi desenvolvida posteriormente até alcançar um *status* autônomo de modelo explicativo (tenha-se particularmente em vista a crítica da burocratização).²⁸

Trotsky esforçou-se em reagrupar o mais amplo arco de militantes e organizações comunistas opostas ao curso stalinista, como o fez com o *Leninbund* dos “esquerdistas”

alemães Ruth Fischer, Hugo Urbahns, Arkadi Maslow e Werner Scholem, constituído em abril de 1928, “verdadeiro filho da Liga Spartakus, do Partido Social-Democrata Independente e do Partido Comunista Operário (da Alemanha)”, de acordo com Pierre Broué. Trotsky esforçou-se em garantir a publicação de uma revista internacional, *Opposition*, com o *Leninbund*, enquanto seu filho Leon Sedov tornou-se responsável pelas ligações (clandestinas) com os opositoristas da URSS e, deslocado da Turquia para a Alemanha, garantiu a publicação (em russo) do *Biulleten Opositsii*, distribuído clandestinamente na URSS.

A luta da Oposição de Esquerda contra a burocratização do partido e do Estado na URSS, e a luta internacional de Trotsky por um novo reagrupamento mundial do proletariado, não foram duas “fases” diferentes da sua biografia, mas dois aspectos inseparáveis de um único combate. Para Trotsky, um novo surto revolucionário do movimento operário, no Oriente ou no Ocidente, poderia devolver aos trabalhadores soviéticos a vitalidade necessária para se oporem à burocracia stalinista. A trajetória de Trotsky, depois de expulso da URSS (1929), cheia de dificuldades, esteve longe de ser uma pregação no deserto, pois, se assim fosse, não se poderia entender a razão do empenho de Stalin em suprimi-lo fisicamente (na polícia política da URSS, a GPU, foi constituída uma “Seção Trotsky”). Segundo um conhecido jornalista da época:

Pode acontecer que os comunistas que vivem na Rússia estejam satisfeitos com o programa de Stalin, mas os camaradas que estão fora dela sentem-se prensados contra a parede. e aqui se encontra o alicerce da influência de Trotsky na Europa, e a causa do medo que Stalin sente dele. Stalin não oferece nada ao comunismo mundial; Trotsky sim. Trotsky tem uma personalidade extremamente magnética. Se vivesse na Alemanha, poderia em poucos anos reunir em torno de si os cinco milhões de comunistas alemães: eis porque está exilado em Prinkipo. O movimento trotskista tem uma organização bem definida, embora embrionária, mas suas publicações ainda são muito fracas. Em muitas nações existe um núcleo de agitadores trotskistas que recebem ordens diretamente de Prinkipo. São pobres, e Trotsky, enquanto possível, financia pessoalmente o movimento. Em nenhum país os trotskistas se acham suficientemente fortes para desafiar abertamente a organização stalinista, mas na Grécia, Tchecoslováquia, Alemanha, e sobretudo na Espanha, a sua força está aumentando.²⁹

Além disso, Trotsky foi o primeiro líder político mundial (de qualquer ideologia) a alertar o mundo dos dois perigos representados pela ascensão do nazismo na Alemanha: uma nova guerra mundial e o extermínio físico dos judeus. Em junho de 1933, Trotsky escrevia que “O prazo que nos separa de uma nova catástrofe européia está determinado pelo tempo necessário para o rearmamento alemão. Não se trata de meses mas tampouco de anos. Se Hitler não for detido a tempo pelas forças internas da Alemanha, alguns anos bastarão para que a Europa se encontre novamente lançada a uma guerra”.³⁰ A mudança

de atitude dos chefes nazistas, que nesse momento faziam declarações pacifistas, só podia “assombrar os mais bobos”, diz Trotsky. Os nazistas recorreriam à guerra como única forma de responsabilizar os inimigos externos pelos desastres internos. Nas palavras de Volkogonov, “Trotsky previu a II Guerra Mundial logo no início da década de 1930”.³¹ Na análise de Trotsky, Hitler, em toda sua mediocridade, não criou política ou teoria próprias. A sua metodologia política foi emprestada de Mussolini, que conhecia a teoria da luta de classes de Marx suficientemente bem para utilizá-la contra a classe trabalhadora. A sua teoria de raça devia muito às idéias de racismo do diplomata e escritor francês, conde de Gobineau. A habilidade política de Hitler consistiu em traduzir a “ideologia do fascismo ao idioma do misticismo alemão” e assim mobilizar, como fez Mussolini na Itália, as classes intermediárias contra o proletariado (a única classe que poderia ter barrado o avanço nazista).

Antes de tornar poder de Estado, diz Trotsky, o nacional-socialismo praticamente não tinha acesso à classe operária. Também a grande burguesia, mesmo aquela que apoiava o nacional-socialismo com o seu dinheiro, não via aquele partido como o seu. A base social sobre a qual o nazismo se apoiou para a sua ascensão foi a pequena-burguesia, arrasada e pauperizada pela crise na Alemanha. Foi também nesse meio que os mitos anti-semitas encontraram o seu campo mais fértil de propagação:

O pequeno-burguês necessita uma instância superior, além da natureza e da história, protegida contra a competição, a inflação, a crise e a venda em remate público. À evolução, à concepção materialista, ao nacionalismo – aos séculos XX, XIX e XVIII – opõe-se o idealismo nacional como fonte de inspiração heróica. A nação de Hitler é a sombra mitológica da própria pequena-burguesia, delírio patético que lhe mostra o seu reinado milenar sobre a terra. Para elevar a nação por cima da história, se lhe dá o apoio da raça. A história é considerada como a emanção da raça. As qualidades da raça são construídas independentemente das diversas condições sociais. Ao rejeitar a concepção econômica como inferior, o nacional-socialismo descende a uma etapa mais baixa: do materialismo econômico recorre ao materialismo zoológico [...] Do sistema econômico contemporâneo, os nazistas excluem o capital usurário e bancário como se fosse o demônio. Agora bem, é precisamente nessa esfera onde a burguesia judia ocupa um lugar importante. *Os pequeno-burgueses se inclinam diante do capital em seu conjunto, mas declaram a guerra ao maléfico espírito de acumulação sob a forma de um judeu polonês com uma longa capa, mas que, muito freqüentemente, não tem um centavo em seus bolsos. O pogrom se converte na prova mais elevada da superioridade da raça.*³²

A verdadeira causa do sucesso de Hitler, segundo Trotsky, não foi a força de sua ideologia, mas a falta de uma alternativa:

Não há nenhuma razão para ver a causa desses fracassos [das Internacionais socialista e comunista] na potência da ideologia fascista. Mussolini jamais teve ideologia alguma e a ideologia de Hitler nunca foi tomada a sério pelos operários. As camadas da popula-

ção que em um dado momento foram seduzidas pelo fascismo, isto é, principalmente as classes médias, já tiveram tempo de se desiludir. O fato de a pequena oposição existente se limitar aos meios clericais protestantes e católicos não se explica pela potência das teorias semi-delirantes, semi-charlatanescas da “raça” e do “sangue”, mas pela quebra estrepitosa das ideologias da democracia, da social-democracia e do *Komintern*”.³³

O segundo prognóstico de Trotsky – o extermínio dos judeus – estava relacionado ao seu prognóstico da irrupção de uma nova guerra mundial, mas não dependia desta. Em 1938, Trotsky afirmava que “o número de países que expulsa os judeus cresce sem parar. O número de países que podem aceitá-los decresce... Podemos, sem dificuldade, imaginar o que espera os judeus com o mero início da próxima guerra mundial. Mas mesmo sem guerra, o próximo desenvolvimento da reação mundial significa com certeza o *extermínio físico dos judeus*”.³⁴ Essas linhas foram escritas “bem antes que os fornos de Hitler começassem a sua tarefa, quando o mundo inteiro era indiferente em relação ao problema dos judeus”.³⁵

No mesmo artigo, de dezembro de 1938, Trotsky não apenas alertou contra o perigo de extermínio dos judeus, mas contra a proximidade dessa catástrofe, e lançou um apelo para que todos os elementos progressistas viessem ao auxílio da revolução mundial. Para os judeus, incluindo a sua burguesia, esta era praticamente uma obrigação, já que, num momento em que a Palestina aparecia como uma “trágica miragem”, o Birobidjã (a “república judia” criada pelo stalinismo dentro da URSS) como uma “farsa burocrática”, e os países da Europa e do mundo novo fechavam as suas fronteiras para a imigração judaica, apenas a revolução podia salvá-los do massacre:

A IV Internacional foi a primeira a proclamar o perigo do fascismo e indicar o caminho para a salvação. A IV Internacional chama as massas populares a não se deixarem enganar e a encarar abertamente a realidade ameaçadora. A salvação reside apenas na luta revolucionária... Os elementos progressivos e perspicazes do povo judeu têm a obrigação de vir ao auxílio da vanguarda revolucionária. O tempo preme. Um dia agora equivale a um mês ou até um ano. O que fizerem, façam rápido!³⁶

Ao contrário dos autores que afirmam que o prognóstico de Trotsky não tinha implicações práticas, ou que Trotsky não criou soluções à altura de suas previsões,³⁷ Peter Buch escreveu que

[...] para Trotsky não era questão de “esperar” pelo socialismo. Medidas práticas imediatas eram necessárias para salvar os judeus dos açogueiros nazistas. Com a derrota da revolução socialista na Europa, nada poderia ter ajudado senão uma campanha internacional poderosa para revelar os verdadeiros planos de Hitler e forçar os países do Ocidente a abrirem as suas portas e oferecer asilo aos judeus, principalmente os Estados Unidos e a Inglaterra. Trotsky chamou por uma ação massiva em torno da demanda de asilo *já* para os judeus ameaçados. Tal demanda era capaz de unir todos os verdadeiros

opponentes do fascismo, socialistas ou não, em um movimento de massas que poderia ter salvado milhões das câmaras de gás.³⁸

Trotsky não via a ameaça de extermínio dos judeus como um produto das características intrínsecas e seculares do povo alemão (como afirma uma corrente da historiografia do nazismo e, mais recentemente, Daniel Goldhagen),³⁹ mas como um problema criado pelo capitalismo, sendo que a “questão judaica é mais crítica no país capitalista mais avançado da Europa, a Alemanha”.⁴⁰ Isaac Deutscher lembrou que

[...] em uma frase memorável, animada pela premonição das câmaras de gás, Trotsky resumiu assim a essência do nazismo: tudo o que a sociedade, se tivesse se desenvolvido normalmente [por exemplo em direção ao socialismo] deveria ter expulsado, como excremento da cultura, está agora brotando pela sua garganta: a civilização capitalista está vomitando a barbárie não digerida.⁴¹

Trotsky escreveu sobre o perigo do anti-semitismo nos Estados Unidos chegar a se tornar tão crítico ou pior do que na Alemanha: “A vitória do fascismo nesse país [a França] significaria o fortalecimento da reação, e o crescimento monstruoso do anti-semitismo violento em todo o mundo, sobretudo nos Estados Unidos”.⁴²

Em um documento de maio de 1940 (*A Guerra Imperialista e a Revolução Proletária Mundial*) Trotsky fez um de seus últimos comentários sobre o “problema judeu” e a sua inserção no problema mais geral do destino da humanidade como um todo:

O mundo do capitalismo em decomposição está superlotado. A questão de se admitir cem refugiados a mais se torna um grande problema para uma potência mundial como os Estados Unidos. Na era da aviação, telégrafo, telefone, rádio e televisão, viagens de país a país estão paralisadas por passaportes e visas. O período do desgaste do comércio exterior e declínio do comércio interno é, ao mesmo tempo, o período da intensificação monstruosa do chauvinismo e especialmente do anti-semitismo. No período de sua ascensão, o capitalismo tirou o povo judeu do *ghetto* e o utilizou como instrumento de sua expansão comercial. Hoje a sociedade capitalista decadente está tentando espremer o povo judeu por todos os seus poros; dezessete milhões de indivíduos de dois bilhões que habitam o globo, isto é, menos de 1%, não encontram mais um lugar sobre o nosso planeta! Em meio à vastidão das terras e maravilhas da tecnologia, que conquistou os céus para o homem assim como a terra, a burguesia conseguiu converter o nosso planeta em uma prisão atroz...⁴³

A decisão de conclamar a construção da IV Internacional não foi fácil. Em março de 1933, Trotsky escreveu ao Secretariado Internacional da Oposição de Esquerda, ressaltando a necessidade de um novo Partido Comunista na Alemanha. “O stalinismo alemão”, dizia ele, “está entrando em colapso, menos em razão das investidas dos fascistas do que devido à sua degeneração interna. Da mesma forma que um médico não abandona um paciente que ainda tem algum sopro de vida, nós não nos colocaríamos a tarefa de refor-

mar o partido desde que houvesse a menor esperança. Mas seria criminoso atar-se a um cadáver”. Para Trotsky, a deplorável rendição do poderoso Partido Comunista Alemão só poderia ser comparada à traição dos social-democratas alemães em agosto de 1914, que anunciou o colapso da II Internacional. Mas embora Trotsky defendesse a criação de um novo Partido Comunista na Alemanha em março de 1933, ele não pretendia estender esse diagnóstico para a Internacional Comunista como um todo. Em resposta à retórica pergunta: “Nós rompemos imediatamente com a Internacional Comunista como um todo? Rompemos com ela imediatamente?”, ele respondia que seria incorreto dar uma resposta rígida:

O colapso do KPD diminui as chances de regeneração do *Komintern*. Mas por outro lado, a própria catástrofe poderia provocar uma reação saudável em algumas seções. Precisamos estar prontos para colaborar nesse processo... Defendemos hoje a criação de um novo partido na Alemanha, para livrar o *Komintern* das mãos da burocracia stalinista. Não se trata de criar a IV Internacional, mas de salvar a III.

Por volta de julho de 1933, a situação havia mudado. A 13ª Plenária do Comitê Executivo da Internacional Comunista (ECCI) havia se reunido em Moscou e avaliado os resultados dos acontecimentos alemães. A conclusão foi, segundo Piatnitsky, então secretário do *Komintern*, que a política do Partido Alemão havia sido “correta antes, durante e depois da vitória de Hitler”. E concluía também que “a social-democracia continuava sendo o principal esteio da burguesia”. Tornava-se evidente, para Trotsky e para a Oposição de Esquerda, que, como uma organização internacional revolucionária, o *Komintern* stalinista estava morto. Não servia mais como o quartel general da revolução mundial, o que fora o propósito de sua criação por Lênin e Trotsky depois da Revolução de Outubro. A falência da Internacional Comunista dirigida por Stalin já era prevista pela Oposição de Esquerda, a menos que a Oposição fosse bem-sucedida em desviar o *Komintern* do seu curso desastroso. A crítica da Oposição de Esquerda foi construtiva em sua quase totalidade. Contra a política do stalinismo, apresentava alternativas concretas que foram resumidas no *Programa de II Pontos* adotado pela pré-conferência da Oposição de Esquerda realizada em Paris em fevereiro de 1933. A introdução enfatizava que “a Oposição de Esquerda Internacional se baseia nos quatro primeiros congressos da Internacional Comunista”.⁴⁴

A cegueira dos PCs diante do desastre alemão era completa. Na França, o jornal *L'Humanité*, do PC francês, de 31 de janeiro de 1933 (um dia depois da ascensão de Hitler), incluía a notícia nas páginas internas, sob o título: “Resultados da política do mal menor: Hitler chanceler”. Nos dias posteriores, Gabriel Péri e Palmiro Togliatti, dirigentes comunistas, afirmavam que o acontecimento não era comparável à “Marcha

sobre Roma” de Benito Mussolini, e prognosticavam “uma nova ascensão das massas”. Nos *Cahiers du Communisme* insistia-se em que “o movimento hitleriano é portador de contradições sociais insuperáveis”, e em que o proletariado alemão não estava ainda derrotado. A própria *Révolution Prolétarienne*, sindicalista revolucionária (ou “anarco-sindicalista”), demorou para noticiar a ascensão de Hitler, que se recusava a comentar, porque isso seria “ridículo da parte daqueles que estão fora da ação (no teatro dos acontecimentos)”. Na própria Oposição de Esquerda de Trotsky (conhecida então como Liga Comunista Internacionalista, LCI) havia dificuldades para compreender o que estava acontecendo. Na sua pré-conferência internacional, celebrada entre 4 e 8 de fevereiro de 1933, o informe apresentado pelo italiano Feroci (codinome de Alfonso Leonetti, um dos primeiros dirigentes do PC italiano) afirmava que “entre a chegada do fascismo (Hitler) ao poder, e a realização dos seus objetivos, há ainda uma grande distância, que estará cheia de combates decisivos”.

Depois da ascensão de Hitler, Trotsky (como Lênin em 1914) chocou-se com a resistência de seus próprios partidários ao defender a necessidade *imediate* da fundação da IV Internacional (que só seria proclamada mais de cinco anos depois dessa ascensão, em setembro de 1938). Trotsky não podia ignorar, também, a existência de uma corrente internacional (o “Bureau de Paris”) que estabelecia o objetivo progressivo da *frente única operária* contra o fascismo, ainda que essa corrente fosse uma continuidade da centrista “Internacional II e 1/2”, ou “União de Viena”, organizada em 1920 para salvar a II Internacional do avanço da Internacional Comunista, e falecida em 1923: “Os animadores (do Bureau de Paris) se reivindicavam continuadores da União de Viena, e punham o acento na indispensável unidade que devia reencontrar o movimento operário para lutar contra o fascismo”.⁴⁵ Sem aderir ao Bureau de Paris, os trotskistas intervieram para promover uma diferenciação revolucionária no seu interior, que culminou na “Declaração dos Quatro” (de 1934), redigida por Trotsky (e corrigida pelos outros assinantes) e firmada pelos trotskistas (a Liga Comunista Internacional), o OSP (Partido Socialista Independente) e o RSP (Partido Socialista Revolucionário) da Holanda, e o SAP (Partido Socialista Operário) alemão (do qual fazia parte o futuro chanceler e líder da Internacional Socialista, Willy Brandt). A LCI defendia o já mencionado “Programa dos 11 Pontos”, que foi o primeiro esboço do que ulteriormente seria o *Programa de Transição* da IV Internacional. A “Declaração” era uma caracterização da situação mundial e das outras correntes do movimento operário (stalinistas, social-democratas e centristas) que, ainda que não contivesse o conjunto das proposições de Trotsky, não se contrapunha a elas no plano dos princípios.

Salvo a LCI, os outros partidos não evoluíram até a IV Internacional, sob o pretexto de que esta “somente poderia resultar de um longo processo de maturação da vanguarda do movimento operário”, divergência que escondia outra “que não apareceu claramente senão nos últimos meses de 1935, quando o SAP começou a evoluir até a política da Frente Popular”.⁴⁶ A “Declaração” e a promoção da mais ampla unidade revolucionária foram essenciais para o trotskismo, porque: 1) Verificou, aos olhos da vanguarda revolucionária européia, que os trotskistas não defendiam a IV Internacional como uma reivindicação sectária; 2) Permitiu evidenciar, entre os próprios trotskistas, divergências semelhantes às que estabeleciam os “centristas” (SAP, OSP, RSP), que foram inclusive discutidas, e derrotadas, na conferência de fundação da IV Internacional; 3) Permitiu recrutar quadros e grupos que seriam decisivos para a construção da nova Internacional, como por exemplo, o já mencionado Werner Scholem, do SAP, organizador da seção alemã da IV Internacional, preso e morto sob tortura pelos nazistas. Trotsky não se baseava apenas na situação da Internacional Comunista, mas no conjunto da conjuntura histórica aberta pela vitória do nazismo e do stalinismo, que colocava uma pergunta crucial: como recolocar a validade do programa marxista 15, 20 ou 25 anos depois da revolução russa, diante da Segunda Guerra Mundial, das derrotas operárias na Europa, da ascensão do fascismo e do triunfo contra-revolucionário do stalinismo no Estado operário?

As terríveis derrotas proletárias da década de 1930 abriram caminho para a Segunda Guerra Mundial e, por sua vez, o conjunto da época encontrava sua chave “no fato de que a revolução de 1917 não encontrou um desenvolvimento vitorioso no cenário europeu e mundial”, como afirmara Trotsky nas *Teses sobre a Guerra e a IV Internacional*, de junho de 1934. O capitalismo conhecia um prolongado processo de reorganização, que começara em 1924 e culminaria com os efeitos da guerra de 1939. Esse processo constituía a conseqüência do fracasso da ascensão revolucionária e da oportunidade que teve a burguesia de dominar o mundo por mais vinte ou trinta anos. A perspectiva colocada por Trotsky em 1921 (em um informe apresentado ao terceiro congresso da Internacional Comunista) como “excessivamente abstrata e unilateral” teve sua cristalização e seu fundamento menos na ausência de luta do proletariado evocada no texto desse ano do que na sua derrota contra-revolucionária nas mãos do stalinismo e sua principal conseqüência, a vitória do nazismo. Utilizaremos, para analisar a evolução do pensamento de Trotsky nesse período, três textos fundamentais: as já mencionadas *Teses sobre a Guerra e a IV Internacional* de junho de 1934, o *Programa de Transição*, de setembro de 1938, e o último trabalho programático de Trotsky, *A Guerra Imperialista e a Revolução Proletária Mundial*, de junho de 1940.

O enfoque nesses textos é diferente: “A situação política mundial em seu conjunto caracteriza-se principalmente pela crise histórica do proletariado”, diz o *Programa de Transição*. Isso quer dizer não apenas que a burguesia está procedendo à reorganização da economia mundial através do desemprego, da miséria, da opressão política e da guerra, mas também que poderá continuar fazendo isso enquanto essa crise não encontre um princípio de solução. Trotsky considera que “a IV Internacional, em número e em preparo, possui vantagens infinitas em relação a suas precedentes no começo da última guerra”, entretanto, advertia ao mesmo tempo que “o mundo capitalista não tem saída, a menos que consideremos como tal sua lenta agonia. É necessário preparar-se para longos anos, senão décadas, de guerra, insurreições, pequenas tréguas, novas guerras e novas insurreições. Um partido revolucionário jovem deve tomar como base esta perspectiva”.

Nesse quadro é que se podia considerar o processo de reorganização capitalista. Nas teses de 1934, sustentava que “se as fronteiras nacionais pudessem ser abolidas de um só golpe, as forças produtivas, inclusive sob o capitalismo, poderiam continuar crescendo durante um certo tempo – ao preço de incontáveis sacrifícios, por certo”. De forma mais concreta, a reorganização capitalista está marcada pelo auge dos Estados Unidos, e “a superioridade dos Estados Unidos pode encontrar sua expressão em novas formas, cujo caminho somente pode ser aberto através da guerra”. É o que efetivamente ocorreu. As fronteiras capitalistas não desapareceram de um só golpe ao término da guerra, mas o lugar dos Estados Unidos como potência imperialista dominante assumiu um caráter peculiar, que lhe permitiu, sobretudo através dos movimentos financeiros e da posição do dólar como moeda mundial, uma subordinação relativa do resto dos estados capitalistas. Em 1934, Trotsky considerava que a guerra mundial estava na agenda política internacional: “As mesmas causas, inseparáveis do capitalismo moderno, que provocaram a última guerra imperialista alcançaram agora uma tensão infinitamente maior que a de meados de 1914”. É a forma através da qual o imperialismo buscava um novo equilíbrio, a destruição, a carnificina de dezenas de milhões de homens. Em 1938, fixou o quadro programático para o reagrupamento político da vanguarda operária, quando ainda se estava longe da cristalização desse desenvolvimento histórico.

Era preciso superar a lacuna entre “a maturidade das condições revolucionárias objetivas e a imaturidade do proletariado e sua vanguarda”. A burguesia encontrava-se em uma situação sem saída e isso implicava privações e sofrimentos cada vez maiores para as massas: “Sob a tensão crescente da desintegração capitalista, os antagonismos imperialistas entram em uma via sem saída, no final da qual os choques isolados e as convulsões sangrentas localizadas irão se fundir em uma conflagração em escala mundial”. A passagem das reivindicações imediatas para a luta pelo poder dependeria somente do ritmo de

organização e preparação da classe operária; o proletariado enfrentava a perspectiva da barbárie, não uma etapa de crescimento capitalista. Esse grande período de crise não significava que o capitalismo tivesse parado: “A tecnologia é agora infinitamente mais poderosa do que no final da guerra de 1914-1918”, constatava Trotsky. Mas não podia encontrar a forma para aplicá-la à produção, nem mesmo de modo limitado, e as forças motrizes do sistema imperialista “assumem um caráter cada vez mais destrutivo”. O ponto em que confluam as necessidades objetivas do capitalismo, sua reorganização através da miséria e da guerra, e a situação histórica do movimento operário se resolviam negativamente, no momento, através da traição do stalinismo e da social-democracia. A burguesia, apesar de fragmentada, pôde manter a iniciativa e preparar sua “saída”. A burocracia condenava a URSS a um bloqueio sem perspectiva, acentuando os efeitos da pressão imperialista, e desintegrando a planificação estatal: quanto mais o Estado operário avançasse nesta forma de desenvolvimento, maiores seriam as tendências centrífugas. O palco fundamental onde seriam revolidos esses conflitos era a luta de classes mundial.⁴⁷

O quadro histórico e mundial da nova situação, formulado por Trotsky, era o mais amplo possível. É uma perspectiva estreita afirmar que “nesses meses de maio-junho de 1933, o que acontece na emigração alemã, em especial ao redor do SAP, e logo mais no conjunto da esquerda socialista, é, aos olhos de Trotsky, o elemento mais importante, que vai levá-lo a completar a sua virada, colocando a perspectiva de uma nova Internacional”.⁴⁸ A já citada “Declaração dos Quatro” tinha sido assinada por E. Bauer, como representante da Oposição de Esquerda Internacional (bolchevique-leninista), J. Schwab, pelo SAP, P.J. Schmidt, pelo OSP, e Henk Sneevliet (codinome Maring, que tinha sido delegado da Internacional Comunista na China na década de 1920) pelo RSP. Nas suas partes substanciais, a declaração afirmava:

O avanço do fascismo na Alemanha coloca as organizações da classe trabalhadora diante de um teste decisivo. A social-democracia novamente confirma a designação que lhe fora dada por Rosa Luxemburgo, e revela-se a si mesma, pela segunda vez, como sendo um fator absoluto de derrota. A derrota das organizações, idéias e métodos do reformismo é o pré-requisito necessário para a vitória da classe operária sobre o capitalismo. Os acontecimentos na Alemanha revelam com força não menor o colapso da III Internacional. Apesar de seus 14 anos de existência, apesar da experiência adquirida em gigantescas batalhas, apesar do apoio moral do Estado soviético e das inúmeras formas de propaganda, o Partido Comunista da Alemanha revelou ter uma completa incapacidade revolucionária, sob condições de uma grave crise econômica, social e política, condições excepcionalmente favoráveis para um partido revolucionário. Isso demonstra conclusivamente que, apesar do heroísmo de muitos de seus membros, ele se tornou totalmente incapaz de desempenhar seu papel histórico. Pela sua base classista, pelas seus fundamentos sociais, pelas incontestáveis formas prevaletentes de prosperidade, a URSS continua sendo ainda hoje um Estado operário, isto é, um instrumento

para a construção de uma sociedade socialista. A nova Internacional irá inscrever em seu fundamento mais importante a defesa do Estado soviético contra o imperialismo e a contra-revolução interna. Precisamente a defesa revolucionária da URSS nos põe diante da tarefa imperativa de libertar as forças revolucionárias do mundo inteiro da influência corruptora do *Komintern* stalinista, através da construção de uma nova Internacional. Somente sob a condição da completa independência das organizações proletárias internacionais da burocracia soviética, e o desmascaramento de seus falsos métodos diante da classe trabalhadora, será possível fazer uma defesa bem-sucedida da União Soviética.⁴⁹

Em setembro de 1933, Trotsky declarava-se otimista em carta ao seu velho companheiro Neurath:

O mais decisivo (da declaração) é que organizações que até a véspera nos eram hostis, viram-se forçadas a pronunciar-se em favor de nossa explicação de princípios. Outras organizações virão logo... A declaração nos dá o dever de redigir imediatamente um manifesto programático. Quando estiver pronto, toda a vida política do movimento operário, em todas suas organizações e tendências, por-se-á a girar em torno desse documento, pois somos os únicos que podem dizer o essencial, não porque sejamos mais inteligentes, mas porque não estamos vinculados aos aparelhos falidos, e por isso não estamos obrigados a falsificar as coisas, isto é, enganar aos trabalhadores. Vejo o futuro com otimismo, inclusive o futuro mais próximo.

Os desenvolvimentos políticos não confirmariam essas expectativas. Em 1935, o “acordo dos quatro” estava rompido, e Trotsky escrevia num artigo: “Em fevereiro foi realizada uma conferência internacional de várias organizações que não pertencem nem à II nem à III Internacional (com os dois partidos holandeses, o SAP alemão, o ILP britânico, etc.). À exceção dos holandeses, que têm posições de marxismo revolucionário, todos os outros participantes representam diferentes variedades (em sua maioria, muito conservadoras) de centrismo”.

Inicialmente, “o SAP, fundado em 1931, era um grupo socialista clássico, mas claramente orientado para a esquerda. Definia-se como marxista-leninista, mas a sua doutrina toma emprestados elementos a Rosa Luxemburgo e até a Trotsky. Defensores de um apoio crítico à URSS, os membros do SAP condenavam o stalinismo e propunham um ‘nova Internacional’, composta de ‘verdadeiros’ partidos comunistas”. Depois do curto acordo com os trotskistas, e depois do fracasso da “Frente Popular” alemã, “um *cartel* foi formado entre o SAP, o RSÖ e *Neu Beginnen*: é o *Arbeitsgemeinschaft für Inland-sarbeit*, criado a 16 de setembro de 1938. Logo receberia o apoio do ISK e dos membros do *Landesgruppe* não vinculados à SOPADE, transformando-se em *Arbeitsausschuss deutscher Sozialisten und RSÖ*”.⁵⁰ A maioria dos membros do SAP, finalmente, voltaria à social-democracia (SPD). O centro da elaboração do programa e da construção da

nova Internacional deslocou-se, então, dos países germânicos. Na Áustria, onde a social-democracia dirigia a classe operária, a reação clerical orientada por Dollfuss provocou os trabalhadores, que pegaram em armas sob a direção social-democrata e lutaram durante uma semana, em fevereiro de 1934. O esmagamento do proletariado austríaco por Dollfuss preparou a via para o triunfo dos nazistas, que se instalaram na Áustria, depois de assassinar Dollfuss e terem eliminado o seu partido.

O centro do movimento operário na Europa deslocou-se, depois de 1933, para a França e a Espanha, os países latinos. A vitória de Hitler provocou a ruptura do equilíbrio europeu estabelecido em Versalhes em 1918. Mas a revolução na França fracassou, preparando a derrota na guerra civil espanhola. Em ambos os casos, a política da Frente Popular, impulsionada pelos PCs, foi o fator decisivo. Muitos dos simpatizantes de Trotsky sucumbiram à pressão da Frente Popular, isto é, da URSS. A questão da guerra civil espanhola vinculou-se estreitamente ao destino da revolução na França. O romancista André Malraux, em nome de uma *realpolitik* destinada a aproveitar a ajuda do regime de Stalin à república espanhola, tornou-se um propagandista do stalinismo que antes rejeitara, rompendo explicitamente com Trotsky, que respondeu:

Malraux, como André Gide, é parte dos amigos da URSS. Mas há uma enorme diferença entre eles, e não só na envergadura do talento. André Gide é um caráter absolutamente independente, possuidor de uma grande perspicácia e de uma honestidade intelectual que lhe permite chamar cada coisa por seu verdadeiro nome. Malraux, ao contrário de Gide, é organicamente incapaz de independência moral. Seus romances estão todos impregnados de heroísmo, mas ele próprio não possui essa virtude no menor grau.⁵¹

Finalmente, o governo de esquerda francês acabaria capitulando ao nazismo. Quem levou o marechal Petain e o fascismo francês ao governo, depois da *drôle de guerre* de 1940, foi a Câmara Legislativa eleita em maio de 1936, com maioria da Frente Popular. Depois da fracassada greve geral de 1938, a desesperança passou a reinar no movimento operário. Todas as tendências da CGT reconheceram a derrota. Assim,

[...] o recuo da CGT, anunciado em 1937, acentuado em 1938, se precipita de maneira impressionante depois do fracasso da greve geral (de novembro de 1938). Algumas resistências esporádicas, muito isoladas, constituem os combates de retaguarda para impedir as demissões. Essas tentativas não duram mais de uma semana. Depois delas, os militantes perdem as esperanças, e se refugiam neles mesmos.⁵²

Durante todo o período relatado, a intervenção dos trotskistas viu-se prejudicada pela sua própria fraqueza política. A discussão sobre a “viragem francesa” (o “entrismo” nos partidos socialistas) foi internacional: tal política fora proposta por Trotsky também para os Estados Unidos e para a Espanha (e orientação semelhante foi desenvolvida no Canadá e até na Argentina).

Na Espanha, a repressão stalinista contra os revolucionários no campo republicano (apoiada pelos social-democratas) foi um aspecto central da política contra-revolucionária que levou à vitória da direita clerical franquista na guerra civil. No final desta, o medíocre governo republicano de Negrín, que substituiu o do “esquerdista” (do Partido Socialista Espanhol, PSOE) Largo Caballero, foi produto de um compromisso entre as duas principais tendências da reação triunfante: os stalinistas e os socialistas de direita. Ambas as tendências, ainda que estivessem de acordo com os passos a seguir, representavam blocos distintos: o primeiro, a contra-revolução russa; o segundo, os imperialismos “democráticos”. Os dois acreditavam poder manejar o novo governo, mas apenas o stalinismo, mais audaz e clarividente, o conseguiu. Por isso, Trotsky o chamou de “governo Stalin-Negrín”. Em suas primeiras declarações, Negrín já insinuou o propósito de sua política: negociar uma “paz aceitável” com Franco. Mas, para isso, era necessário acabar com os últimos vestígios da revolução. O governo de Negrín evoluiu até uma ditadura policial.

Milhares de revolucionários, e mesmo simples dissidentes do stalinismo, foram encarcerados e muitos deles assassinados. A CNT anarquista, uma vez concluído seu trabalho de desmobilização e comprovado que as massas já não a obedeciam, foi alijada do governo. A autonomia catalã foi suprimida e as liberdades limitadas. A ofensiva reacionária contra a economia coletivizada se realizou em nome da estatização e acabou com as últimas conquistas operárias. Os antigos interventores governamentais se converteram em verdadeiros diretores das fábricas, enquanto os comitês eram marginalizados. As coletividades agrícolas foram devolvidas aos seus antigos donos. A contra-revolução também se fez patente no terreno militar. As tropas franquistas, que encontraram grandes dificuldades no primeiro período da guerra, avançaram rapidamente. A zona republicana do norte do país caiu quase sem luta. A burguesia basca, aliada da Grã-Bretanha, uma vez esta tendo chegado a um acordo com Franco, já não tinha razão de seguir lutando, considerando melhor entregar-se e buscar a reconciliação. O governo de Negrín buscava a capitulação negociada que lhe permitia conciliar seus interesses com os de Franco. Toda a tática militar do exército republicano se baseou em obrigar Franco à negociação ou em resistir, à espera da explosão iminente da guerra europeia. Os escassos êxitos republicanos nos campos de batalha foram em vão, em face dessa política. O programa dos “treze pontos para a paz”, de Negrín, era o reconhecimento da capitulação.⁵³

O avanço das tropas franquistas foi rápido. Uma vez liquidada a revolução, os franquistas apenas enfrentaram as massas desmoralizadas pela eliminação das conquistas revolucionárias. Em janeiro de 1939 caiu Barcelona, o grande pilar da revolução. Poucos dias depois, toda a Catalunha estava em poder dos franquistas. Com os acordos de Munique, em setembro de 1938, o bloco franco-britânico acreditou ter “apaziguado” Hitler

e, como gesto de boa vontade, rompeu relações diplomáticas com o governo de Negrín, reconhecendo o governo de Franco. Também as negociações entre Stalin e Hitler estavam sendo levadas a cabo, e as armas soviéticas deixaram de ser enviadas ao governo republicano. Em março de 1939, formou-se uma Junta, integrada por todos os grupos da contra-revolução republicana, com exceção dos stalinistas. A partir de um suposto golpe de Estado, Negrín se demitiu. Trotsky denunciou o golpe como o final da farsa que se havia iniciado com a Frente Popular e acusou Stalin de abandonar suas bases quando estas já não lhe serviam. A nova “Junta de Governo” pretendia negociar a capitulação, mas esta se deu sem quaisquer condições. O último episódio da revolução europeia da década de 30 se fechava. Para Trotsky, o caminho estava aberto para a Segunda Guerra Mundial.

O testemunho de Victor Serge evidencia as pressões às quais estava submetido o movimento trotskista durante a década de 1930, devido às políticas majoritárias no movimento operário europeu, que levaram não poucos militantes para a ruptura com a política de Trotsky (o próprio Serge foi um deles):

No final de julho de 1936, um delegado do Burô para a IV Internacional constituído nos Estados Unidos, Muste, veio me ver em Bruxelas e propôs-me da parte de Liev Davidovitch [Trotsky] que entrasse por cooptação nesse Burô. Aceitei. Muste era um ex-pastor, magro, seco, grisalho, com aspecto muito puritano (posteriormente, abalado pelos processos de Moscou, abandonou o movimento e retornou à sua igreja.) Por volta dessa época, manteve uma correspondência com LD [Trotsky] acerca dos anarquistas espanhóis, que Liev Sedov dizia “destinados a apunhalar a revolução”. Eu achava que eles desempenhariam um papel fundamental na guerra civil, e aconselhei a LD e à IV Internacional que publicassem uma declaração de simpatia por eles, onde os marxistas-revolucionários se comprometeriam a combater pela liberdade. LD deu-me razão, prometeu-me que assim se faria, mas nada se fez nesse sentido. Em janeiro de 1937, assisti em Amsterdã a uma conferência internacional da 4^o. A conferência se realizou na casa de Sneevliet, que morava em Overtoom e tinha uma confortável sala de reuniões. Os trotskistas já dirigiam todas as suas baterias contra o POUM. Tomei a palavra para justificar a participação do POUM no governo da *Generalitat* da Catalunha, pela necessidade de controlar e influenciar o poder do interior e facilitar o armamento das massas. Com Verecken e Sneevliet, propus uma moção de solidariedade com o POUM, que concluiu convidando os militantes espanhóis a manter a unidade do seu partido. Contra essas linhas levantaram-se Pierre Naville, Gérard Rosenthal e Rudolf Klement; ficou evidente que, ao dirigir cumprimentos diplomáticos ao POUM, organizavam sua cisão. Dois ingleses vindos a Amsterdã diziam-me que o movimento da IV Internacional contava com menos de cem membros na Inglaterra e, como na França, divididos em duas organizações rivais. Voltei desolado de Amsterdã: a impressão de um movimento de seita, dirigido por manobras de cima, afetado por todas as depravações mentais contra as quais lutáramos na Rússia: autoritarismo, divisionismo, intrigas, manobras, estreiteza de espírito, intolerância. Sneevliet e seu partido estavam fartos, achando a atmosfera irrespirável; eram holandeses proletários íntegros e fortes, acostumados a costumes fraternos. Verecken, que adorava o Velho, dizia-me: “Não dou seis meses para

que você entre em atrito com ele. Ele não tolera nenhuma objeção”. Nossas divergências se multiplicavam, mas o Velho, em suas cartas, mostrava-se muito afetuoso - e eu o admirava infinitamente. Quando ele escreveu, a propósito das greves de junho de 36: “A revolução francesa começou”, respondi-lhe: “Absolutamente, é apenas o reerguimento da classe operária francesa que começa”. Aconselhei-o a não intervir, como constantemente fazia, nos assuntos internos dos menores grupos e a se limitar aos seus grandes trabalhos intelectuais. Finalmente, escrevi-lhe: “Não se pode fundar uma Internacional sem partido. Não se pode fundar nenhum partido sobre costumes políticos tão ruins e uma linguagem ideológica russa que ninguém entende”. Ele me respondeu: “Você é um inimigo que gostaria de ser tratado como amigo”⁵⁴.

O POUM (Partido Operário de Unificação Marxista, liderado por Andreu Nin e Joaquín Maurín, qualificado por Trotsky de “centrista” pela sua participação no governo frentepopulista da Catalunha) foi convidado a participar da conferência de fundação da IV Internacional, em 1938, recusando o convite.

Já em 1934, Trotsky colocava em termos claros as conclusões que se derivavam da bancarrota da III Internacional, passada, através do stalinismo, ao campo da ordem burguesa mundial, fato demonstrado por sua capitulação, sem combate, ante a vitória do nazismo: “O proletariado tem necessidade de uma Internacional em todos os tempos e sob todas as circunstâncias. Se não existe agora uma Internacional, é necessário dizê-lo abertamente e pôr-se de imediato a prepará-la”.⁵⁵ A proclamação formal da IV Internacional produziu-se nos piores “tempos e circunstâncias”: as das piores derrotas do proletariado mundial em toda a sua história, esmagado pelo nazi-fascismo no Ocidente, atomizado pelo stalinismo no país da primeira revolução vitoriosa; ante o horizonte certo de uma nova carnificina mundial, tornada inevitável após as derrotas do proletariado espanhol e francês, já em curso com a invasão da China pelo Japão (e com a iminência do pacto Hitler-Stálin, prognosticado por Trotsky como a consequência inevitável dos Acordos de Munique, de 1938, entre o nazi-fascismo e as “democracias” ocidentais).

A crise e a bancarrota da Internacional Comunista foram um produto do retrocesso da revolução provocado pela traição da social-democracia europeia, pela burocratização do primeiro Estado Operário que foi uma consequência desse retrocesso, e pela derrota da corrente revolucionária encabeçada por Trotsky. A bancarrota da III Internacional iniciou-se com a traição da revolução chinesa de 1927-28, tomou forma com a claudicação do PC alemão em 1932-34 e se consolidou com a aliança entre a burocracia soviética e a aristocracia operária europeia, e destas com a “sombra” da burguesia, mediante as Frentes Populares e a cristalização do reformismo e “etapismo” dos partidos comunistas, operadas na década de 30. Esta política foi responsável pela derrota do proletariado francês em 1936 e da revolução espanhola em 1931-1939.

Dessas circunstâncias desfavoráveis, Trotsky tentou tirar a força da nova Internacional, forjando-a não apenas sobre a base da continuidade revolucionária das três Internacionais precedentes, mas também da assimilação a fundo das lições deixadas pelas derrotas. Isso não significa que se tratasse de uma Internacional de doutrinadores: nos seis anos que vão do triunfo nazista à proclamação da IV, as forças agrupadas por Trotsky se empenharam em erguer partidos revolucionários, em especial na Espanha, França e Estados Unidos, teatros dos embates de classe mais importantes da década (a guerra civil espanhola, a Frente Popular francesa e o movimento de sindicalização industrial, CIO, norte-americano). Trotsky esforçou-se em convencer seus partidários de que isso só era possível no quadro de uma Internacional: “A partir do momento em que nos dirigimos a construir partidos independentes, desde 1933, já somos a IV Internacional, embora não sejamos uma direção revolucionária reconhecida. Somos a IV Internacional porque é o movimento com o qual estamos comprometidos e sobre o qual começamos a nos organizar”.

Daí que, junto àqueles esforços, Trotsky tentasse colocar em pé, como vimos, um quadro internacional junto com organizações centristas “de esquerda”, como o SAP, a OSP e o RSP da Holanda e Alemanha, o PSOP francês (a cujo dirigente, Marceau Pivert, Trotsky afirmou que “os bolcheviques-leninistas são uma fração da Internacional que se constrói”, uma de cujas tarefas será “regenerar em um nível histórico mais elevado a democracia revolucionária da vanguarda proletária”); através do “entrismo” em diversos partidos social-democratas, para acelerar a diferenciação revolucionária de suas alas de esquerda, etc. Estes esforços por construir a IV Internacional, não obstante, fracassaram. As limitações políticas dessas organizações revelaram-se insolúveis no momento de passar para a estruturação de uma nova Internacional e de assimilar rigorosamente o programa revolucionário. Os próprios núcleos trotskistas revelaram-se imaturos, por sua juventude e por seu isolamento das massas. Quando se fundou a IV Internacional, em 1938, as circunstâncias políticas internacionais eram piores do que nas tentativas precedentes: não se conquistara nenhum aliado importante e o retrocesso do proletariado mundial se acentuara com as derrotas nos países latinos da Europa. Um mês depois da proclamação da IV Internacional, fracassou na França a greve geral, evidenciando a derrota operária. A Frente Popular encabeçou a reação política, e em 1940 entregou o poder ao fascista Pétain, marionete de Hitler.

Nunca na história uma direção operária internacional foi criada em circunstâncias mais desfavoráveis, embora os casos do passado tivessem sido semelhantes: a I Internacional, fundada sob as ditaduras de Luis Napoleão na França e de Bismarck na Alemanha; a II Internacional, na esteira das conseqüências da derrota da Comuna de Paris; ou ainda a

III Internacional, com apenas um punhado de revolucionários, ao começo de uma guerra mundial e em meio a uma onda geral de chauvinismo. Trotsky nunca dissimulou essas circunstâncias, muito pelo contrário.

A fundação da IV Internacional nessa fase de reação política geral, e crise em suas próprias fileiras, deveu-se a que se tratava da preparação da vanguarda revolucionária para atravessar a guerra mundial armada de um programa claro, que assimilou teoricamente o significado das derrotas; da preparação da classe operária para as revoluções que seriam engendradas pelo novo conflito mundial e para o novo ciclo de guerras e revoluções que resultaria do fim do retrocesso do proletariado mundial e da decomposição dos Estados capitalistas. Não houve um “momento mágico” de fundação da IV Internacional, porque esta já estava sendo fundada há anos, e porque sua fundação não declarou concluída a tarefa. Na conferência de fundação houve delegados (dois dos 21 presentes) que propuseram sua postergação, esquecendo que a oportunidade já tinha cinco anos de demora. Diziam que a nova Internacional nascia separada do movimento operário real, o que colocava o perigo de sua degeneração, esquecendo que os perigos sempre existem. A IV Internacional teve o mérito histórico eterno de haver proclamado a vigência da revolução, em momentos nos quais os céticos declaravam aberto um retrocesso histórico definitivo.

O ceticismo que se fazia sentir nas próprias fileiras da IV Internacional que, como vimos, vacilou até em proclamar-se formalmente. Em *Bolchevismo e Stalinismo*, Trotsky analisou as causas desses problemas:

Épocas reacionárias como a atual não apenas debilitam e desintegram a classe operária isolando-a da vanguarda, como também rebaixam o nível ideológico geral do movimento, fazendo retroceder o pensamento político, até etapas superadas há muito tempo. Nessas condições a tarefa da vanguarda consiste antes de tudo em não se deixar suggestionar pelo refluxo geral: é necessário nadar contra a corrente. Ante os mentecaptos, tal política aparece como “sectária”. Na realidade, não faz mais do que preparar um salto gigantesco para frente impulsionado pela onda ascendente do novo período histórico.⁵⁶

Os esforços por construir partidos com uma real intervenção na luta de classes obedeciam a esse critério. Não devemos esquecer aquela que a IV Internacional proclamou como sua “seção mais importante”: a soviética. A investigação histórica provou: “1) que os trotskistas foram, entre 1928 e 1940, os únicos adversários conseqüentes do stalinismo com apoio popular, 2) foram esses adversários os que aterrorizaram – mesmo depois de seu extermínio – Stalin e os seus lacaios, 3) contra eles foi necessário empregar os métodos mais radicais, a ‘solução final’, para poder liquidá-los”.⁵⁷ Essa presença da IV Internacional na URSS não se limitou aos campos de concentração (onde, em 1938, os

trotskistas organizaram uma luta de massas contra a repressão burocrática, antes de serem exterminados, como testemunharam Leopold Trepper [chefe da espionagem soviética na Europa durante a Segunda Guerra Mundial], em *O Grande Jogo*, e Aleksandr Solzhenitsyn, n' *O Primeiro Círculo*) mas também às fábricas, aos *kolkhozes* e ao próprio exército. Para Trotsky, os bolchevique-leninistas “não conseguiram salvar o regime soviético da degeneração e das dificuldades da ditadura pessoal. Mas o salvaram de sua completa dissolução, e impediram o caminho da restauração. As reformas progressistas da burocracia foram derivações da luta revolucionária da Oposição de Esquerda. Para nós isto é insuficiente. Mas já é alguma coisa”.⁵⁸ Não por casualidade um dos principais empenhos da GPU (polícia política) stalinista foi o assassinato do responsável pelo trabalho soviético na direção da IV Internacional, Leon Sedov (filho de Leon Trotsky), consumado em 1938.

A IV Internacional era, portanto, um fator objetivo da política mundial, que justificou a coincidência entre Hitler e o embaixador francês Coulondre, em 1939 (relatada pelo diário francês *Le Temps*) de que o pior perigo (para a ordem mundial da burguesia imperialista) de uma II Guerra Mundial consistia na possibilidade de que dela emergisse vitorioso “*Monsieur Trotsky*”. O assassinato de Trotsky pelo stalinismo, em 1940, não foi produto de uma vingança pessoal, nem de um “ajuste de contas” entre facções “comunistas”, mas um fato político de primeira relevância, em que a burocracia atuou por conta da burguesia mundial, que já lhe havia dado sua aprovação antecipada ao declarar legais os “Processos de Moscou”, nos quais Trotsky foi o principal acusado e condenado à morte a revelia.

A IV Internacional não foi fundada (como alguns “trotskistas” parecem até hoje acreditar) como uma seita doutrinal destinada a preservar a herança ideológica revolucionária em circunstâncias que tornavam impossível sua utilização. Quando Trotsky insistia em que a IV Internacional nadava contra a corrente, chegando a empregar, para os trotskistas, a expressão “exilados de sua própria classe”, estava sublinhando dificuldades e tarefas políticas objetivas, não uma impossibilidade histórico-metafísica de atuar. O esforço de Trotsky e seus companheiros não deve ser reivindicado apenas por ter preservado a continuidade do programa revolucionário, mas por haver colocado em pé uma organização revolucionária atuante na arena da luta de classes mundial e nos principais países. A assertiva de Trotsky, “o partido é seu programa”, somente era válida com seu reverso, “o programa é o partido”: sem partido revolucionário atuante, o programa revolucionário é uma abstração.

Ernest Mandel limitou o trotskismo ao definir que seus quatro pilares são: “a teoria e a prática da revolução permanente, a via revolucionária ao socialismo através da ação da classe operária nos países capitalistas avançados, a revolução política pela democra-

cia socialista no bloco soviético e na China e o internacionalismo proletário”.⁵⁹ O pilar principal, não obstante, é a vigência do partido revolucionário, sem o qual todos os outros pilares se transformam em ideologia e não em um guia para a ação. O programa da IV Internacional (o *Programa de Transição*) partiu da contradição entre as condições objetivas e subjetivas (a crise de direção do proletariado mundial) da revolução. O amadurecimento das primeiras se media pelo grau de internacionalização das forças produtivas (ao longo de todo o século XX, o comércio mundial cresceu mais rápido do que a produção, as transações externas de capital superam cada vez mais os negócios internacionais de mercadorias) e o reforço simultâneo das fronteiras nacionais, contradição que tornava obsoletos, simultaneamente, o Estado capitalista e a utopia stalinista do “socialismo em um só país”.⁶⁰ A imaturidade das segundas pela demora e derrotas da revolução mundial ante o imperialismo capitalista e à burocracia. Trotsky resumiu a questão: “Se o edifício teórico da economia política marxista se apóia inteiramente na concepção do valor como trabalho materializado, a política revolucionária do marxismo se apóia na concepção do partido como vanguarda do proletariado”.

Trata-se de verificar a vigência das condições objetivas e subjetivas da revolução na atual etapa histórica para, sobre essa base, colocar as tarefas políticas emergentes da luta pela Internacional revolucionária. O dogmatismo não é só rejeitável pelas condições histórico-políticas mudadas, mas por ser rejeitável de um modo geral. Nas condições da “meia-noite do século” (título de um romance de Victor Serge), da fundação da IV Internacional, a tarefa ideológica e política de Leon Trotsky foi gigantesca, e ele a enfrentou até as últimas conseqüências, pagando o preço da sua própria vida, mas criando as bases para qualquer pensamento e ação revolucionária na etapa política posterior, a nossa. O gigante revolucionário do século XX projeta sua sombra sobre o século XXI, sobre a nossa própria história.

Recebido em Abril/2008; aprovado em Maio/2008.

Notas

* Professor doutor do Departamento de História, USP.

¹ TROTSKY, Leon. *A Revolução Traída*. Lisboa, Antídoto, 1977, p. 244.

² *Ibid.*, p. 280.

³ HOWE, Irving. *As Idéias de Trotsky*. São Paulo, Cultrix, 1978, p. 81.

⁴ SALVADORI, Massimo. “A crítica marxista ao stalinismo”. In: HOBBSAWM, E. J. *História do Marxismo*, vol. 7, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, p. 310.

⁵ TROTSKY, Leon. *El Gran Organizador de Derrotas*. A III Internacional después de Lenin. Buenos

Aires, El Yunque, 1974.

⁶ LÊNIN, V.I. Las tareas inmediatas del poder soviético (março 1918). In: *Selección de Trabajos*. Buenos Aires, Cartago, 1985.

⁷ LÊNIN, V.I. La crisis del partido (janeiro 1921). In: *Selección de Trabajos*. Buenos Aires, Cartago, 1985.

⁸ RAKOVSKY, Christian. Los peligros profesionales del poder (agosto 1928). *Praxis* n° 2, Buenos Aires, junho 1984.

⁹ HOWE, op. cit., p. 72.

¹⁰ Cf. CAILLOSE, Jacques. La question du Thermidor soviétique dans la pensée de Trotsky. *Cahiers Léon Trotsky* n° 37, Paris, março 1989.

¹¹ TROTSKY, Leon. Autobiografía. *El Testamento de Lenin*. Buenos Aires, El Yunque, 1983.

¹² KRASSÓ, Nicolás. Trotsky's marxism. *New Left Review* n. 44, Londres, julho de 1967, pp. 64-86.

¹³ TROTSKY, Leon. Porque Stalin venció a la oposición (novembro 1935). *Escritos*. Bogotá, Pluma, 1974. Id. *Moral e Revolução*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

¹⁴ Id. *A Revolução Traída*, ed. cit.

¹⁵ Id. *Ma Vie*. Paris, Gallimard, 1953.

¹⁶ CASTORIADIS, Cornelius. A economia burocrática e a exploração do proletariado. In: NEVES, A. Castro (org.). *A Natureza da URSS*. Porto, Afrontamento, 1977, p. 173.

¹⁷ DEUTSCHER, Isaac. *Las Raíces de la Burocracia*. Barcelona, Anagrama, 1978, p. 9.

¹⁸ KORSCH, Karl. *Scritti Politici*. Bari, Laterza, 1975, v. 1, p. 157.

¹⁹ TROTSKY, Leon. *La Revolución Permanente*, Madri, Cenit, 1931.

²⁰ II Congresso da Internacional Comunista. *Teses sobre a Questão Nacional e Colonial*, 1920.

²¹ TROTSKY, Leon. *El Gran Organizador de Derrotas*. A III Internacional después de Lenin. Buenos Aires, El Yunque, 1974.

²² MALIA, Martin. *Comprendre la Révolution Russe*. Paris, Seuil, 1980, p. 210.

²³ TROTSKY, Leon. *Stalin*. México, Juan Pablos, 1973.

²⁴ ANDERSON, Perry. La interpretación de Trotsky sobre el stalinismo. *Democracia y Socialismo*. Buenos Aires, Tierra del Fuego, 1988, pp. 110 e 116-117.

²⁵ *The New Internationalal*. Nova Iorque, novembro 1939.

²⁶ TROTSKY, Leon. *In Defense of Marxism*. Nova Iorque, Pathfinder Press, 1976 (1° ed. 1942)

²⁷ Gianfranco Pasquino. In: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília, UnB, 1986, p. 1261.

²⁸ GUNTHER, John. *Harper's Magazine*, abril 1933.

²⁹ TROTSKY, Leon. Que es el nacionalsocialismo? *El Fascismo*. Buenos Aires, CEPE, 1973, p. 85.

³⁰ VOLKOGONOV, Dimitri. *Trotsky. The eternal revolutionary*. Nova Iorque, The Free Press, 1996, p.415.

³¹ TROTSKY, op. cit. p. 77-78, 80-81, grifo nosso.

³² Id. *Programa de Transición para la Revolución Socialista*. Caracas, Avanzada, 1975, p. 38.

³³ Id. Appeal to American Jews menaced by fascism and anti-semitism. *On the Jewish Question*. Nova Iorque, Pathfinder Press, 1994, p. 29.

³⁴ HARARI, Jejiel. Trotsky y la cuestión judía. *Raíces*. Testimonio 31, sdp, p. 15.

³⁵ TROTSKY, op. cit. p. 30.

³⁶ Cf. Robert Wistrich. *Revolutionary Jews from Marx to Trotsky*. Londres, Harrap, 1976, p. 206; Baruch Knei-Paz. *The Social and Political Thought of Leon Trotsky*. Oxford, Claredon Press, 1979, p. 554.

³⁷ BUCH, Peter. "Introduction". In: TROTSKY, Leon. *On the Jewish Question*. Nova Iorque, Pathfinder, 1994 p. 4-5.

³⁸ GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os Carrascos Voluntários de Hitler. O povo alemão e o Holocausto*. São Paulo, Cia. das Letras, 1997.

³⁹ TROTSKY, Leon. Interview with Jewish correspondents in Mexico. *On the Jewish Question*. Nova Iorque, Pathfinder, 1994, p.20.

⁴⁰ DEUTSCHER, Isaac. *Los Judios no Judios*. Buenos Aires, Kikiyon, 1969.

⁴¹ TROTSKY, Leon. *Appeal to American Jews menaced by Fascism and anti-Semitism*, op. cit., p. 29.

- ⁴² Id. Imperialism and antisemitism. *On the Jewish Question*. Nova Iorque, Pathfinder Press, 1994, p. 30.
- ⁴³ Cf. GELDEREN, Charlie Van. A falência da Internacional Comunista. *Perspectiva Internacional* n° 7, São Paulo, novembro 1983.
- ⁴⁴ DREYFUS, Michel. Bureau de Paris et Bureau de Londres: le socialisme de gauche en Europe entre les deux guerres. *Le Mouvement Social* n 112, Paris, julho-setembro 1980, p. 27.
- ⁴⁵ Id., p. 34. Para um balanço dessas discussões, ver: TROTSKY, Leon. Alchimie centrisme ou marxisme. Sur la question du SAP. *Oeuvres*. Vol. 5, Paris, Éditions Documentation Internationale, 1979, p. 261-296.
- ⁴⁶ Em 1921, no III Congresso da Internacional Comunista, no informe citado, Trotsky tinha afirmado: «As condições para uma revolução nascem somente a partir do momento em que o antigo regime social começa a travar o progresso das forças produtivas. (Mas) se as forças produtivas são a potência motora da evolução histórica, esta evolução não se produz fora dos homens, mas através deles (...) quando essas forças, a técnica acumulada, se sentem estreitadas num regime escravocrata, de servidão ou burguês, quando uma mudança das formas sociais se torna necessária para a evolução ulterior da potência humana, acontece a revolução, não por ela mesma, como uma saída de sol, mas graças à ação humana, à luta conjunta dos homens reunidos em classes. A antiga classe dirigente, agora reacionária, deve ser substituída por uma nova classe social que traga o plano de um novo regime, correspondente às necessidades de desenvolvimento das forças produtivas, e prestes a realizar esse plano. Mas nem sempre aparece uma classe nova, consciente, organizada e poderosa, para destruir os antigos donos da vida e para abrir caminho às novas relações sociais, no momento preciso em que o antigo regime reage. Mais de uma vez aconteceu, na história, o esgotamento de uma velha sociedade -como o regime escravocrata de Roma, ou as civilizações da Ásia, nas quais a escravidão impedia o progresso das forças produtivas - sem que houvesse necessariamente, nessa sociedade morta, uma classe suficientemente forte para destronar os dirigentes e estabelecer um novo regime social. Esses povos, essas nações, se decomuseram: civilizações, estados e sociedades deixaram de existir. A humanidade não caminhou sempre seguindo uma linha ascendente: conheceu também longos períodos de estancamento e recaída na barbárie. A humanidade não fica no mesmo ponto: seu equilíbrio, por causa das lutas de classes e das nações, é instável. Se uma sociedade não ascende, se não há uma classe que possa educá-la, se decompõe e cai na barbárie».
- ⁴⁷ VERGNON, Gilles. Les bases du tournant de Trotsky vers la IV^e Internationale. *Cahiers Léon Trotsky* n° 22, Paris, junho 1985.
- ⁴⁸ *The Militant*. Nova Iorque, 23 de setembro de 1933.
- ⁴⁹ PONTIUS, René. Tendances et activité de la social-démocratie allemande emigrée (1933-1941). *Le Mouvement Social* n° 84, Paris, julho 1973.
- ⁵⁰ *La Lutte Ouvrière*. Paris, 9 de abril de 1937.
- ⁵¹ BOURDÉ, Guy. *La Défaite du Front Populaire*. Paris, François Maspéro, 1977, p. 233.
- ⁵² Existem numerosos estudos sobre o stalinismo e o trotskismo na guerra civil espanhola, sendo os mais importantes: BOLLOTEN, Burnett. *El Gran Engaño. Las izquierdas y su lucha por el poder en la zona republicana*. Barcelona, Caralt, 1975; BROUÉ, Pierre. *Staline et la Révolution. Le cas espagnol*. Paris, Fayard, 1993, e *La Revolución Española (1931-1939)*. Barcelona, Península, 1977; GUILLAMÓN, Agustín. *Documentación Histórica del Trotskismo Español (1936-1948)*. Madri, De La Torre, 1996; MORROW, Felix. *Revolución y Contrarrevolución en España*. Madri, Akal, 1978; MUNIZ, Grandizo. *Jalones de Derrota, Promesas de Victoria*. Madri, Zero, 1977; OVIEDO, Luis. *Andres Nin, Leon Trotsky y la Revolución Española*. Una crítica de “La traición de la revolución española” de Andrés Nin, Buenos Aires, sdp.; PAGÈS, Pélaí. *El Movimiento Trotskista en España (1930-1935)*. Barcelona, Península, 1977; TROTSKY, Leon. *La Revolución Española (1930-1936)*. Barcelona, Fontanella, 1975, 2 v.; TÉMIME, Émile e BROUÉ, Pierre. *La Rivoluzione e la Guerra di Spagna*. Milano, Oscar Saggi Mondadori, 1980.
- ⁵³ SERGE, Victor. *Memórias de um Revolucionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 411.
- ⁵⁴ TROTSKY, Leon. *Oeuvres*, Paris, ed. cit., v. 2, p.193.
- ⁵⁵ Id. *Bolchevismo y Stalinismo*. Buenos Aires, El Yunque, 1974, p.9.
- ⁵⁶ BROUÉ, Pierre. *Los Trotskistas en la URSS*. Buenos Aires, Rebelión, s.d.p., p.90.
- ⁵⁷ TROTSKY, Leon. Como Stalin derrotó a la oposición. *Escritos 1935-36*, Bogotá, Pluma, 1976, p.3.
- ⁵⁸ MANDEL, Ernest. *What is Trotskyism?* Londres, Red Books, 1975, p.16.

⁵⁹ Para Trotsky, a questão da revolução e de seu programa somente podia ser colocada em termos *internacionais*: “A hora da desapareição dos programas nacionais soou definitivamente em 4 de agosto de 1914 (início da Primeira Guerra Mundial). O partido revolucionário do proletariado não pode se basear em mais que um programa internacional que corresponda ao caráter da época atual, a do máximo desenvolvimento e afundamento do capitalismo. Um programa comunista internacional não é uma soma de programas nacionais ou um amálgama de suas características comuns. Deve tomar diretamente como ponto de partida a análise das condições e tendências da economia mundial e do estado político do mundo como um todo, com suas relações e contradições, ou seja, com a dependência mútua que opõe seus componentes entre si. Na época atual, infinitamente mais do que durante a precedente, apenas se deve e se pode deduzir o sentido em que se dirige o proletariado do ponto de vista nacional, da direção seguida no domínio internacional e não o contrário. Nisto consiste a diferença fundamental que separa, no ponto de partida, o internacionalismo comunista das diversas variantes do socialismo nacional (...) Unindo em um sistema de dependências e contradições países e continentes que alcançaram diferentes graus de evolução, aproximando os diversos níveis de seu desenvolvimento e distanciando-os imediatamente após, opondo implacavelmente todos os países entre si, a economia mundial se converteu numa realidade poderosa que domina a dos diversos países e continentes. Este único fato fundamental dá um caráter profundamente realista à idéia do partido comunista mundial” TROTSKY, Leon. *El Gran Organizador de Derrotas*. La III Internacional después de Lenin. Buenos Aires, El Yunque, 1974, p. 80)